



XIX ENAPOL

Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Linguística

A institucionalização da Linguística como disciplina científica

CADERNO DE RESUMOS

De 16 a 20 de maio de 2016



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Linguística
Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral

COMISSÃO

Integrantes da Comissão Organizadora

Cássio Andrade Santos (coordenador)
Klauber Renan (vice-coordenador)
Bruna Soares Polachini
Cecilia Farias de Souza
Cleide Lima da Silva
Joana Dworecka Autuori
Karina Gonçalves de Souza de Oliveira
Lucas Cavalini Barboza
Rafael Martín Camacho Ramírez

Integrantes da Comissão Científica

Anderson Almeida
Bruna Paola Zerbinatti
Carolina Lindenberg Lemos
Daniela Nery Bracchi
Dayane Celestino de Almeida
Eneida de Goes Leal
Graziela Pigatto Bohn Casagrande
Indaiá de Santana Bassani
João Paulo Lazzarini Cyrino
Leonor Simioni
Lívia Oushiro
Luciana Sanchez Mendes
Marcus Vinicius da Silva Lunguinho
Paula Roberta Gabbai Armelin
Rafael Dias Minussi
Rerisson Cavalcante de Araújo

APRESENTAÇÃO

O XIX ENAPOL, a ser realizado entre os dias 16 e 20 de maio de 2016, reúne sob o mesmo tema a celebração de dois eventos muito importantes: o centenário da publicação da primeira edição do Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure e o aniversário de 30 anos do Departamento de Linguística da FFLCH/USP. O Curso de Linguística Geral não apenas alterou profundamente a pesquisa linguística, mas também contribuiu de maneira decisiva para a sua constituição como uma disciplina científica autônoma. A fundação do Departamento de Linguística da FFLCH/USP no dia 16 de dezembro de 1986 é um reflexo da autonomia acadêmica da Linguística e um marco local da institucionalização desta área do conhecimento científico.

O tema “A institucionalização da Linguística como disciplina científica” norteará as palestras do evento, que podem ser conferidas na **Programação**. Além do seu caráter festivo, o XIX ENAPOL propõe a reflexão sobre o tema no momento atual, oferecendo palestras a respeito de subáreas no Departamento de Linguística que buscam a sua institucionalização ou apresentam desafios particulares e convidando os alunos a discutirem aspectos metodológicos e teóricos de sua própria pesquisa.

PROGRAMAÇÃO

Segunda-Feira

13:00 – 13:30 : **Abertura**

Profa. Dra. Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Prof. Dr. Marcos Fernando Lopes

13:30 – 14:20 : **Comunicação 1**: Debatedor: Prof. Dr. Marcos Lopes

A concordância assimétrica e a estrutura da sentença no dialeto libanês da língua árabe - *Marcela Muniz Barbosa*

A dimensão cognitiva do discurso: abordagem teórica e propostas de análise de acordo com a semiótica de linha francesa - *Eliane Domaneschi Pereira*

A interação entre a regra de palatalização e o desenvolvimento da ramificação de ataque CCV na fonologia infantil - *Andressa Toni*

14:20 – 14:40 : **Debate**

14:40 – 14:50 : **Intervalo**

14:50 – 15:40 : **Comunicação 2:** Debatedora: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

A isotopia das unidades entoativas da canção popular - *Marcelo Costa Segreto*

O ethos e suas faces: o discurso ecológico pelo viés diacrônico - *Julia Lourenço Costa*

Recursos discursivos para constituição da cena enunciativa dos escritos de Lucas na Bíblia Sagrada - *Dario de Araujo Cardoso*

15:40 – 16:00 **Debate**

16:00 – 16:30 **Café/Sorteio de livros**

16:30 – 17:20 : **Comunicação 3:** Debatedora: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

Complementos oracionais na língua Wayoro (Rondônia, família Tupari, tronco Tupi) - *Antônia Fernanda de Souza Nogueira*

Os atos diretivos e os expressivos nas peças psicológicas de Nelson Rodrigues - *Kamunjin Tanguete (Valéria Aparecida Nalin)*

Aquisição de implicatura escalar no Português Brasileiro - *Renato Caruso Vieira*

17:20 – 17:40 **Debate**

17:40 - 17:50 Intervalo

17:50 - 19:00 : **Palestra**

Os 100 anos de publicação do Curso de Linguística Geral

Prof. Dr. Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

Profa. Dra. Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Terça-Feira

13:00 – 13:50 : **Comunicação 4:** Debatedora: Profa. Dra. Evani Viotti

A neutralização das vogais médias com base em um dialeto nordestino: perspectivas de análise - *Arthur Pereira Santana*

As estratégias de relativização no português brasileiro infantil - *Marcelo Marques Rangel*

Aquisição fonológica do inglês por falantes do Português Brasileiro - *Carina Silva Fragozo*

13:50 – 14:10 : **Debate**

14:10 – 14:20 : **Intervalo**

14:20 – 15:25 : **Comunicação 5:** Debatedora: Profa. Dra. Beatriz Raposo de Medeiros

A marca de acusatividade no espanhol como classificador - *Rafael Martín Camacho Ramírez*

Classificador Bayesiano para o Acento do PB - *Bruno Ferrari Guide*

As Jornadas de Junho: reflexões sobre as práticas semióticas - *Marcos Rogério Martins Costa*

O espaço do tempo nos textos em libras - *Renata Lúcia Moreira*

15:25 – 15:45 : **Debate**

15:45 – 16:15 : Sessão de Pôsteres

Relações entre significante e significado na linguagem do desenho linear - *Ricardo Akira Sanoki*

As vogais médias pretônicas na fala de sergipanos em São Paulo - *Amanda de Lima Santana*

O constituinte-QU in situ no Português Brasileiro infantil - *Clariana Lara Vieira*

Charges do Charlie Hebdo no contexto do terrorismo contemporâneo: uma análise semiótica - *Cleide Lima da Silva*

Enunciado e enunciação na construção semiótica do protagonismo - *Daniel Carmona Leite*

Estudo do padrão formântico da fala atuada e do canto no teatro popular - *Gisele Tomaz do Carmo*

Entre a Semiótica e Bakhtin Do útero ao túmulo e do túmulo ao útero: a(s) vida(s) e a(s) morte(s) do álbum SeteVidas, de Pitty - *Danyllo Ferreira Leite Basso*

16:15 – 16:45 : Café/Sorteio de livros

16:45 – 17:50 : Comunicação 6: Debatedor: Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes

A lenição consonantal na língua dinamarquesa - descrição dos processos de enfraquecimento na fala de Copenhague - *Júlia Sales Paez Fernandez*

Como as características sociais do ouvinte afetam sua percepção fonética - *Larissa Grasiela Mendes Soriano*

Movimentos de ponto de vista em uma narrativa em espanhol andino colombiano - *Juliana Ángel Osomo*

Caracterização das vogais tônicas e átonas na canção popular: Descrição dos padrões formânticos - *Cássio Augusto Alves de Andrade Santos*

17:50 – 18:10 : **Debate**

18:10 – 19:10 : **Palestra**

Linguística Computacional

Prof. Dr. Marcelo Ferreira

Prof. Dr. Marcos Lopes

Quarta-Feira

13:00 – 13:50 : **Comunicação 7:** Debatedor: Prof. Dr. Jairo Nunes

Formação das imagens nas inscrições urbanas: suporte - *Thiago Moreira Corrêa*

Subespecificação e a emergência do vocabulário humano na evolução - *Vitor Augusto Nobrega*

O sistema vocálico do saami de Skolt - uma perspectiva diacrônica - *Beatriz Domingues Corá Fuser*

13:50 – 14:10 : **Debate**

14:10 – 14:20 : **Intervalo**

14:20 – 15:10 : **Comunicação 8:** Debatedora: Profa. Dra. Ana Paula Scher

Ethos e gênero nas tirinhas de Aline, de Adão Iturrusgarai - *Murillo Clementino de Araujo*

O processo de alongamento em fronteiras de frases fonológicas de sentenças ambíguas e a relação com suas estruturas sintáticas - *Melanie Campilongo Angelo*

Aspectos da glotalização na língua Dâw: estudos preliminares - *Lucas Cavalini Barboza*

15:10 – 15:30 : **Debate**

15:30 – 16:00 : Sessão de Pôsteres

O prefixo modal *jy-* em Karitiana - *Luiz Fernando Ferreira*

A arte da performance: Uma abordagem semiótica - *Maria Vitória Laurindo Siviero*

Os lapsos de fala em português brasileiro sob a perspectiva da Morfologia Distribuída - *Mayara Espadaro*

Análise semiótica dos discursos de alegria presentes no quarto movimento da Nona sinfonia de Beethoven - *Mônica Albiero Costa*

A teoria popular sobre línguas e a sua interferência na pesquisa linguística - *Ivan Pasta Zanni*

“Assimilan(d)o”: O caso da assimilação de /d/ em gerúndios do Português Brasileiro - *Dany Thomaz Gonçalves*

Andamento e temporalidade em vídeos educativos de Matemática - *Lucia Passafaro Peres*

16:00 – 16:30 : Café/Sorteio de Livros

16:30 – 17:20 : Comunicação 9: Debatedor: Prof. Dr. Waldir Beividas

Variação angular no movimento dos articuladores braço e antebraço na produção da Libras: estudo sobre variação linguística e orientação sexual - *Rogério Goncalves de Oliveira*

Vagamente perfeito; perfeitamente ambíguo - *Márcio Azevedo Vianna Filho*

O Sistema de Casos do Francês Antigo e a Entrada Lexical das Palavras no Francês Moderno: uma Hipótese Fonêmico-Morfológica - *Henrique Martins de Moraes*

17:20 – 17:40 : **Debate**

17:40 – 18:40 : **Palestra**

A pesquisa de Libras

Prof. Dr. Felipe Venâncio Barbosa

Dr. André Nogueira Xavier

Quinta-Feira

13:00 – 13:50 : **Comunicação 10:** Debatedor: Prof. Dr. Felipe Venâncio Barbosa

Desambiguação automática de substantivos em corpora do português brasileiro - *Viviane Santos da Silva*

O acento em pseudopalavras - *Aline de Lima Benevides*

O Conceito de Sistema no *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes* de Ferdinand de Saussure - *Edgard Santana Bikelis*

13:50 – 14:10 : **Debate**

14:10 – 14:20 : **Intervalo**

14:20 – 15:10 : **Comunicação 11:** Debatedor: Prof. Dr. Thomas Daniel Finbow

Linguística Histórica Brasileira: considerações sobre as suas discontinuidades - *Wellington Santos da Silva*

Deslocamento de tópico não-contrastivo no português brasileiro: restrições e particularidades - *Fernanda Rosa da Silva*

Adaptação fonológica em esperanto: um estudo sobre empréstimos recentes - *Karina Gonçalves de Souza de Oliveira*

15:10 – 15:30 : **Debate**

15:30 – 16:00 : **Café/Sorteio de livros**

16:00 – 16:50 : **Comunicação 12:** Debatedora: Profa. Dra. Ana Müller

Perguntas QU- de longa distância em Karitiana - *Karin Camolese Vivanco*

Perguntas-QU de Longa Distância em crianças com Distúrbio Específico de Linguagem - *Maria de Lourdes Servilheira Valezi*

Processos implicativo e concessivo na estética impressionista - *Saulo Nogueira Schwartzmann*

16:50 – 17:10 : **Debate**

17:10 – 18:40 : **Palestra**

A pesquisa em línguas indígenas

Profa. Dra. Luciana Raccanello Storto

Profa. Dra. Ana Müller

Profa. Dra. Luciana Sanchez Mendes

Sexta-Feira

13:00 – 13:50 : **Comunicação 13:** Debatedor: Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza

Proposta de análise para a música predadora de sentidos no cinema - *Guilherme Weffort Rodolfo*

Descrição da narração de futebol transmitida por rádio à luz da Gramática Cognitiva - *Rodrigo Lazaresko Madrid*

Sentenças absolutas no português brasileiro infantil: um estudo experimental - *Camilla de Rezende*

13:50 – 14:10 : **Debate**

14:10 – 14:20 : **Intervalo**

14:20 – 15:10 : **Comunicação 14:** Debatedora: Profa. Dra. Elaine Grolla

Descrição do dativo interacional galego - *Cecilia Farias de Souza*

Táã, um evidencial? - *Thiago Chaves Alexandre*

Uma abordagem não-lexicalista para os paradigmas verbais defectivos e sincréticos no português brasileiro - *Klauber Renan Dutra de Oliveira*

15:10 – 15:30 : **Debate**

15:30 – 16:00 : **Café/Sorteio de Livros**

16:00 – 17:00 : **Palestra**

A carreira depois da pós-graduação

Dra. Carolina Tomasi (pós-doutoranda no DL-USP)

Profa. Dra. Indaiá Bassani (professora na Unifesp)

17:00 – 17:40 : **Palestra**

30 anos do Departamento de Linguística da USP

Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão

17:40 **Coquetel de Encerramento**

RESUMOS

1 Aline de Lima Benevides

benevides.aline12@gmail.com

Comunicação oral

Paulo Chagas de Souza

O acento em pseudopalavras

O presente trabalho apresentará os resultados de um desenho experimental que visou investigar em que medida os tipos silábicos podem influenciar a atribuição do acento primário no português brasileiro (doravante PB). A literatura corrente tenta explicar o acento no PB a partir de três vertentes principais: a marcação lexical (CÂMARA JR., 1970 [2001]; CANTONI, 2013), o peso silábico (BISOL, 1994; HERMANS & WETZELS, 2012) e a influência morfológica (LEE, 1995; MATEUS & D'ANDRADE, 2002). Apesar dessa diversidade de análise, nenhuma proposta consegue explicar a totalidade dos dados, já que a primeira perspectiva de análise não fornece um tratamento adequado para os padrões produtivos, enquanto, dentro das duas últimas linhas de investigação, os padrões irregulares são explicados, muitas vezes, por mecanismos ad hoc, tais como o de extra-metricidade e de marcação lexical. Diante disso, busca-se investigar como a Fonologia de Uso (BYBEE, 2001; 2010) pode explicar a atribuição de tonicidade em pseudopalavras a partir dos conceitos de lacuna fonológica, analogia e produtividade. Para isso, dois grupos de investigação foram criados: i. [niw], [Voral.tiw] e [Vnasal.tiw] para verificar se a lacuna fonológica influencia a atribuição de tonicidade; e ii. [or] e [ar] para investigar em que medida a produtividade de padrões fonológicos interage com processos analógicos na atribuição de tonicidade. Os experimentos foram elicitados por meio de imagens em 33 falantes nativos do PB, homens e mulheres, com Ensino Superior completo ou cursando, e os resultados serão apresentados no evento.

Palavras-chave: Fonologia Experimental, Acento, Pseudopalavras

Análise dos sistemas fonético e fonológico

2 Amanda de Lima Santana

alsantana11@gmail.com

Pôster

Ronald Beline Mendes

As vogais médias pretônicas na fala de sergipanos em São Paulo

Com base no conceito de redes sociais (MILROY & LLAMAS, 2013), em fundamentos da terceira onda da Sociolinguística (ECKERT, 2012) e nos aportes teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), esta pesquisa propõe investigar os graus de acomodação dialetal no português falado por sergipanos residentes na Região Metropolitana de São Paulo. A análise da realização variável das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ (em palavras como “menino” e “colégio”) objetiva verificar se estes sergipanos passaram a pronunciar tais vogais com menor grau de abertura mais frequentemente, diferenciando-se, desse modo, do padrão de abertura maior, característico dos falares do Nordeste (NASCENTES, 1953 [1922]). A medida dessa abertura se dá por meio dos valores dos formantes F1 e F2 das vogais, de modo que se toma esta como uma variável contínua (em vez de discreta, cujas variantes seriam simplesmente “alta”, “média-alta” ou “média-baixa”). Desse modo, torna-se possível falar em termos de “graus intermediários de acomodação”, prevendo-se que a realização dessas vogais compreende um gradiente de aberturas. A partir de uma amostra coletada de acordo com a dinâmica das redes sociais (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]), interessa averiguar se o contato maior entre os migrantes entrevistados com paulistanos e paulistas favorece a acomodação dialetal e se, por outro lado, o contato mais denso com sergipanos e outros nordestinos tende a favorecer a manutenção do falar oriundo de Sergipe. Diferentemente da maioria das pesquisas sobre acomodação (por exemplo, Marques (2006)), propõe-se dar destaque para a interação social desses migrantes com vistas às análises de sua fala, antes de categorizá-los a priori de acordo com categorias macrossociais (como sexo/gênero, idade e classe social). A pesquisa se encontra em sua fase inicial, ou seja, voltada para a formação da amostra.

Palavras-chave: Vogais médias pretônicas, Graus de abertura das vogais, Acomodação dialetal, Sergipe, Redes sociais

Estudo da variação, da mudança e do contato linguístico

3 Andressa Toni

andressa.toni@hotmail.com

Comunicação oral

Raquel Santana Santos

A interação entre a regra de palatalização e o desenvolvimento da ramificação de ataque CCV na fonologia infantil

Esta pesquisa investiga o desenvolvimento das sílabas CCV (Consoante1+Consoante2+Vogal) do Português Brasileiro na fala infantil. Presente em palavras como ‘triste’, ‘bravo’, ‘blusa’, a sílaba CCV é a última a ser adquirida pela criança, após os 5;0 anos de idade (LAMPRECHT, 1993). Contudo, palavras contendo CCV podem figurar como alvos na produção infantil mesmo antes dos 2;0 anos: ‘ab(r)e aqui’ (Lz.1;9 anos); ‘(o)b(r)igado’ (Ar.1;9 anos). O objetivo do presente trabalho é investigar o modo como a ramificação de ataque se desenvolveria na fonologia infantil, questionando se a sílaba CCV estaria presente na representação lexical da criança já em suas produções iniciais. Segundo Selkirk (1982), é por meio das regras fonológicas que se pode acessar a representação mental da sílaba numa língua. Assim, a pesquisa observa a interação entre a regra de palatalização e a presença ou ausência da ramificação de ataque em palavras familiares e inventadas como ‘trilho’, ‘Drica’, ‘Tlibo’. Analisam-se produções experimentais de 49 crianças entre 2;4-5;10 anos, em 52 estímulos do tipo /’CCV.CV/ em que CCV é uma combinação /t, d, p, b, k, g/ + /l, r/ + /a, i, u/. Os sujeitos foram divididos em 5 grupos conforme seu percentual de produções-alvo CCV. Os resultados parciais apontam maior ocorrência de palatalização CCV nos grupos 1 e 2, que apresentam máximo de 40% produções-alvo CCV. Tanto sílabas CCV coronais como não coronais foram palatalizadas nestes grupos, como em ‘tribo’ [’tʃi.bu], ‘Crica’ [’tʃi.ke], ‘Pritt’ [’tʃi.tʃi]. Observa-se também a palatalização aplicada em epênteses vocálicas nos grupos 2-4, especialmente nas combinações de uso restrito em PB (/tl,dl/), como em ‘Tlico’ [’tʃli.ku], ‘Dlibo’ [’dʒli.bu], ‘Glica’ [’dʒli.ke], com diminuição das ocorrências em CCVs não coronais. O grupo 5 apresentou poucas palatalizações CCV, somente em /tl/. Tais resultados podem indicar um bloqueio gradual da palatalização CCV, apontando um desenvolvimento também gradual da ramificação de ataque.

Palavras-chave: Aquisição de Fonologia; Ramificação de ataque; Palatalização

Estudos dos processos de aquisição de língua

4 Antônia Fernanda de Souza Nogueira

fernandapakori@gmail.com

Comunicação oral

Luciana Raccanello Storto

Complementos oracionais na língua Wayoro (Rondônia, família Tupari, tronco Tupi)

Severamente ameaçada de desaparecimento, Wayoro conta com apenas 04 falantes nativos idosos. O presente trabalho tem os seguintes objetivos: (i) relatar o andamento do projeto de descrição e análise da língua Wayoro, tais como resultados de pesquisa de campo, avanços e dificuldades; (ii) discutir construções que envolvem o sufixo -p -m que funcionam como orações complemento, como as orações em colchetes antepostas ao verbo toa 'ver', em (1), e nã 'querer', em (2). A ordem de constituintes da língua é SOV ou OVS quando a sentença é transitiva:

(1) [txi-mõ-apokaya-p] toa-t on (1PL.INCL-CAUS-chegar-p ver-NFUT 1s) 'Eu vi nós chegarmos.' (narrativa, ANT)

(2) [m-amõyã-rara-m] nã-rõm on (1S-dançar-REP-m querer-NEG 1S) 'Eu não quero dançar de novo.' (elicitação, PM)

Na literatura descritiva sobre as línguas Tupari, o sufixo cognato {-ap} é classificado como nominalizador de circunstância ou evento (GALUCIO, 2001, 2011; ALVES, 2004; BRAGA, 2005; ARAGON, 2008). Investigaremos neste trabalho se as construções que envolvem o sufixo {-p -m} devem ser descritas como nominalizações ou como orações subordinadas, na língua Wayoro. A metodologia utilizada é a comparação de propriedades morfossintáticas presentes em sentenças matrizes e nas construções que envolvem o sufixo {-p -m}. Assim, investigamos em tais construções a presença de: morfologia de pessoa e concordância, morfema causativo/transitivizador e morfema de tempo e aspecto. Os resultados parciais apontam para a obrigatoriedade da expressão da estrutura argumental, tal como os morfemas pessoais {txi-} '1ª pessoa do plural inclusiva', em (1), e {m-} '1ª pessoa do singular', em (2). No entanto, não há concordância entre prefixos pessoais e os pronomes livres, como em verbos intransitivos em oração matriz. Ocorrem, ainda, o morfema {mõ-} causativo/transitivizador, em (1), e o morfema que indica repetição de evento {-rara}, em (2). Uma hipótese é a de que o sufixo {-p -m} possa ser analisado como marca de infinitivo, na língua Wayoro. (Glosas: NFUT=não futuro; NEG=negação)

Palavras-chave: língua Wayoro (Tupi); morfossintaxe; subordinação

Descrição de línguas não-índo-européias

5 Arthur Pereira Santana

arthurpereirasantana@gmail.com

Comunicação oral

Raquel Santana Santos

A neutralização das vogais médias com base em um dialeto nordestino: perspectivas de análise

Esta pesquisa, em estágio inicial, busca analisar com base na Geometria de Traços (Clements, 1991) as vogais médias pretônicas no dialeto de São Luís. Tendo em vista que as regras de neutralização propostas para o Português Brasileiro (Wetzels, 1992) levam em consideração os dialetos do sul/sudeste, as vogais médias-baixas em contextos átonos, características de dialetos nordestinos, deixam de ser capturadas, motivo pelo qual se faz necessário avaliar tais propostas bem como definir as motivações para a emergência de tais formas. Para tanto, foram realizados experimentos com vinte indivíduos nascidos e criados em São Luís (Maranhão), de ambos os sexos e da mesma faixa etária (entre 20 e 35 anos). O experimento consistia na leitura de palavras inseridas em uma frase veículo e repetidas aleatoriamente durante o experimento por três vezes, totalizando 645 produções por informante e resultando em um corpus total de 12.900 dados. Estas palavras são representativas de dois grandes grupos – palavras derivadas e palavras não-derivadas. Ambos os tipos de palavras possibilitarão que se avalie os contextos fonológicos que se correlacionam à emergência das formas em análise. Além disso, especificamente, as palavras não-derivadas serão utilizadas para que se faça uma descrição acústica das médias pretônicas no dialeto de São Luís e as palavras derivadas possibilitarão que se controle a morfologia, que proporcionará maiores evidências para o estudo. Os resultados preliminares indicam casos em que as médias-baixas emergem condicionadas por regras de harmonia vocálica e de matafonia, mas há também casos em que não parece haver motivação aparente. Entretanto, somente a análise estatística, que será realizada futuramente, apresentará indícios mais fortes a respeito da frequência de aplicação, bem como das correlações entre as formas adotadas pelas vogais e as variáveis controladas.

Palavras-chave: Vogais médias, Neutralização, Dialeto Nordestino

Análise dos sistemas fonético e fonológico

6 Beatriz Domingues Corá Fuser

beatriz.fuser@usp.br

Comunicação oral

Paulo Chagas de Souza

O sistema vocálico do saami de Skolt - uma perspectiva diacrônica

O presente projeto visa ao estudo do sistema vocálico do saami de Skolt (língua da família fino-úgrica, falada na Finlândia) numa perspectiva diacrônica e histórica, e procura investigar o percurso fonológico que culminou no saami de Skolt atual, à luz de teorias de mudança e variação fonológica, especialmente as de Kiparsky, com comentários de Hale e Guy (Joseph et al., 2003).

Para tal, é importante estabelecer o que é o saami de Skolt atual, considerando as padronizações determinadas pelas gramáticas ao longo de tempo, as migrações e perdas territoriais e como estas influenciaram na permanência de certas variantes em detrimento de outras no século XX.

A proto-língua saami, apesar de não atestada, é objeto de estudos consistentes, e o fenômeno da Grande Mutação Vocálica do Saami (Aikio, 2012), que reorganizou todo sistema vocálico da proto-língua, é útil para compreender como o saami de Skolt tomou forma, a partir do período expansão e fragmentação do proto-saami, entre 300 AC e 500 DC (Aikio, 2012), e quais contatos linguísticos foram importantes nesse percurso.

O corpus da pesquisa é fornecido por estudos anteriores, como: Koltan- ja Kuolanlapin sanakirja 'Dicionário do saami de Skolt e de Kola' (2011), que reúne a transcrição (no alfabeto fonético urálico) de palavras em diferentes dialetos do Skolt e outras línguas próximas no começo do século XX; a descrição e transcrições da língua propostas por Korhonen na década de 70 (Korhonen, 1971), quando tendências de mudança vocálica já eram indicadas; além da gramática descritiva de Feist (2010), que leva em conta a situação do saami de Skolt no século XXI; entre outros.

Com base nos registros dos séculos XX e XXI, será possível identificar as transformações na língua e analisar a natureza da mudança, considerando a possibilidade de concorrência de variantes e de mudança sonora nos termos de Kiparsky.

Palavras-chave: saami de Skolt, línguas fino-úgricas

Análise dos sistemas fonético e fonológico

7 Bruno Ferrari Guide

bruno.guide@usp.br
Comunicação oral
Marcelo Ferreira

Classificador Bayesiano para o Acento do PB

A presente comunicação tem como objetivo apresentar o funcionamento e o desempenho de uma implementação em Python do modelo probabilístico classificador bayesiano ingênuo aplicado a questão do acento no Português Brasileiro (PB).

O comportamento do acento possui algumas irregularidades interessantes que podem ser aproximadas através do uso de modelos probabilísticos. Para isso, o primeiro passo da pesquisa foi a compilação de um Corpus do PB – O Corpus ABG.

A seguir, o primeiro modelo probabilístico desenvolvido e testado pelo projeto foi o baseado em N-gramas, que se vale das frequências extraídas de um corpus.

A etapa atual da pesquisa buscou implementar um modelo que pudesse levar em conta diversas variáveis, inclusive variáveis linguísticas, para se modelar o comportamento do objeto de estudo e com isso conseguir atribuir probabilidade a diversas versões de uma palavra escrita e com isso escolher a qual classe acentual é mais provável que a palavra pertença.

A regra de Bayes é uma forma de se atribuir probabilidades que permite ao modelo assumir conhecimentos prévios, e por isso é um tipo de estatística amplamente utilizada, que resulta em modelos probabilísticos de ponta nos dias de hoje.

O uso de variáveis diversas empresta muita riqueza informativa para o modelo. Porém, as análises sobre os efeitos das diversas variáveis é um problema computacional e estatístico bastante dispendioso.

A solução para esse problema é o uso de um modelo probabilístico que seja ingênuo, ou seja, que assuma a independência entre as variáveis, e que portanto simplifica a computação do modelo.

Espero na apresentação trazer, além da explanação sobre o funcionamento do modelo, os primeiros resultados do desempenho do mesmo para a questão do acento.

Palavras-chave: Linguística computacional, Fonologia, Modelos Formais

Linguística computacional

8 Camilla de Rezende

camilla.rezende@usp.br

Comunicação oral

Elaine Grolla

Sentenças absolutas no português brasileiro infantil: um estudo experimental

Esta pesquisa investiga o comportamento linguístico de crianças nativas em português brasileiro com relação a sentenças absolutas, que consistem em alternância na valência de verbos transitivos encontrada especificamente no PB. Segundo Negrão & Viotti (2010), nas absolutas o verbo requer apenas um argumento, o interno, ao qual é atribuído um papel temático não agentivo (ver 1).

(1) Eu aperto esse botão [do videogame] e, olha lá, a bola chutou.

O argumento que representaria a energia responsável pela causa do evento não está presente e nem chega a ser conceitualizado. Não há, portanto, a presença de uma força indutora (Negrão & Viotti, 2010).

Seguindo Negrão & Viotti (2010), nossas hipóteses são: (a) as absolutas serão mais produzidas com a ausência da força indutora, que seria o argumento agente; e (b) alguns verbos proporcionarão mais a produção de absolutas que outros, por estarem mais propensos à supressão da força indutora. Hipótese adicional: crianças produzirão mais absolutas do que adultos porque podem apresentar dificuldades com passivas.

Para verificar tais hipóteses, desenvolvemos dois experimentos: tarefa de produção eliciada e julgamento de aceitabilidade. Produzimos animações em duas versões: (a) com um personagem responsável pela ação expressa pelo verbo, que representava o agente da sentença; (b) com um processo e seu resultado sem o personagem agente supracitado. Cada criança assistiu a apenas uma versão. No método 1 (produção), os participantes contaram a um fantoche o que haviam assistido. No método 2 (julgamento), os participantes julgaram sentenças absolutas ditas pelo fantoche como aceitáveis, inaceitáveis ou parcialmente inaceitáveis.

Os dados obtidos mostraram que há relevância na presença ou ausência da força indutora, porém o tipo de verbo utilizado não representou diferenças nas produções. Por fim, as crianças produziram mais absolutas que os adultos, o que sugere que sua dificuldade com passivas torne a absoluta uma opção mais proeminente.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; sintaxe; sentenças absolutas; português brasileiro infantil

Estudos dos processos de aquisição de língua

9 Carina Silva Fragozo

cfragozo@gmail.com

Comunicação oral

Raquel Santana Santos

Aquisição fonológica do inglês por falantes do Português Brasileiro

Neste estudo, investigamos a aquisição de três fenômenos fonológicos do inglês por falantes brasileiros: a regra de retração de acento, que ocorre de maneira semelhante no inglês e no português brasileiro (PB); a regra de assimilação de vozeamento, que existe em ambas as línguas mas ocorre de maneira diferente; e a relação entre sílaba e acento, que ocorre de maneira totalmente diferente nas duas línguas e representa um parâmetro a ser remarcado pelo aprendiz. Através da investigação desses processos, busca-se compreender se é mais fácil adquirir uma regra igual, uma regra semelhante ou, ainda, remarcar um parâmetro existente na língua materna. Nesta comunicação apresento resultados referentes à aquisição da regra de assimilação de vozeamento da fricativa /s/, que ocorre tanto no PB quanto no inglês, mas de maneira diferente. Enquanto no PB a assimilação é regressiva, pois é influenciada pelo vozeamento do contexto seguinte (ex: ra[z]ga), no inglês a regra ocorre de maneira progressiva, pois a fricativa torna-se vozeada em decorrência do contexto precedente (ex: dog[z]). Para verificar se os 30 falantes de inglês como L2 investigados aplicariam a regra de assimilação de vozeamento regressiva ou progressiva, foi criada uma tarefa contendo 60 palavras com assimilação progressiva, característica do inglês, as quais foram lidas pelos sujeitos e verificadas acusticamente. Os resultados mostraram que o vozeamento foi aplicado em apenas 2,2% dos casos de fricativa seguida de consoante desvozeada (12/545) e em 0,8% (4/476) dos contextos de fricativa seguida de pausa. Os resultados indicam, portanto, uma transferência da regra da L1 para a L2, já que os sujeitos aplicaram a assimilação *regressiva*, característica do português, e não a *progressiva*, característica do inglês.

Palavras-chave: Aquisição de L2; Fonologia; Regra Fonologica

Estudos dos processos de aquisição de língua

10 Cecília Farias de Souza

alt.ceci@gmail.com

Comunicação oral

Evani Viotti

Descrição do dativo interacional galego

Esta pesquisa visa a estudar o uso interacional do pronome dativo do galego, descrever seu uso no contexto da interação, suas acepções e funções na interação linguística, bem como sua contribuição à construção do significado do enunciado em que se encontra. Em galego, algumas formas do pronome dativo assumem, além da função de objeto indireto (“Deiche un regalo”), um uso de caráter pragmático (“Quen che me dera!”). O mesmo acontece com o pronome dativo de 1ª pessoa (“O neno non che me come a comida.”). Ao uso do pronome dativo como elemento extra, não requerido pela estrutura do verbo, chamo “dativo interacional”. Esse uso vai além da codificação dos participantes de um evento perfilado pelo verbo e é uma estratégia para incluir um ou mais interlocutores como afetados de alguma forma pelo processo denotado pelo verbo.

A proposta desta pesquisa é aprofundar a discussão das questões semântico-pragmáticas e explorar os contextos de uso do pronome dativo, seguindo o arcabouço teórico da Gramática Cognitiva e as discussões sobre o dativo interacional propostas por Janda (1988, 2004) e Fried (2011) para o tcheco, e de Haddad (2013) para o árabe libanês.

O percurso escolhido foi estudar a semântica do caso dativo, partindo da Teoria dos Protótipos e os processos de categorização humana (Rosch, 1973, 1978, 1999; Langacker, 1987, 2008; Lakoff, 1982, 1987; e outros) para compreender o que seria uma relação dativa prototípica e, a partir dessa, pensar no dativo interacional como uma extensão semântica que mapeia a relação caracterizada pelo dativo para a esfera da interação, e ver seus usos pragmáticos como extensões lógicas da semântica de Caso. Além da consulta a informantes, foram utilizados os corpora informatizados do TMILG – Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega, e do TILG – Tesouro Informatizado da Língua Galega.

Palavras-chave: galego; dativo interacional; gramática cognitiva

A linguística e sua interface com outras ciências, teóricas e aplicadas

11 Clariana Lara Vieira

clariana.vieira@usp.br

Pôster

Elaine Grolla

O constituinte-QU in situ no Português Brasileiro infantil

No PB existem diferentes maneiras de realizar perguntas-QU. Dentre elas temos o movimento do elemento QU (O que o gato comeu?) ou sua permanência in situ (O gato comeu o quê?). Tal movimento parece, à primeira vista, opcional no PB. No entanto, em estudos anteriores, como Grolla (2009), constatou-se que a opção in situ é deveras menos utilizada em detrimento à movida. Ademais, há uma aquisição tardia do QU-in situ, surgindo, segundo dados espontâneos de Grolla (2009), apenas aos 3;9. O problema reside no fato de a opção supostamente mais econômica ser, ao mesmo tempo, a menos preferida e de emergência mais tardia nos dados espontâneos. Outra questão pertinente é o contexto semântico/pragmático em que ela aparece. Pires & Taylor (2007) defendem que contextos com um Common Ground (informação compartilhada por falante e ouvinte) pré-estabelecido facilitariam o surgimento de construções com QU in situ. Em vista disso, o presente estudo abordará o uso de tais constituintes por crianças em idade pré-escolar no PB e seus contextos pragmáticos/semânticos.

A metodologia proposta tem como intuito eliciar perguntas com QU-in situ nesses contextos. O pesquisador, a partir de instruções que estabelecem um Common Ground, incentivará a criança a fazer perguntas ao fantoche a fim de completar as cartas com elementos como guitarra ou chapéu. O estudo ainda está em andamento, mas já foram entrevistadas 6 crianças com idades entre 3;6 e 4;6, 4 crianças entre 4;6 e 5;11 e 5 adultos falantes de PB como primeira língua. As crianças produziram 20,5% de perguntas com QU-in situ e os adultos, 63%. Esses resultados iniciais indicam que a metodologia facilitou a produção de perguntas QU-in situ em contextos de Common Ground e possibilitou a observação de crianças produzindo altas taxas desta estrutura.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; QU in situ; Common Ground

Estudos dos processos de aquisição de língua

12 Cleide Lima da Silva

cleidelimadasilva@gmail.com

Pôster

Norma Discini de Campos

Charges do Charlie Hebdo no contexto do terrorismo contemporâneo: uma análise semiótica

O Charlie Hebdo, jornal satírico francês, passou a abordar o terrorismo em suas edições com charges do Profeta Maomé. As constantes publicações, que juntam ironia, humor, sátira, derrisão, encontraram-se com a ira dos extremistas religiosos e culminou no ataque terrorista de janeiro de 2015. A partir dessa tragédia, nossa pesquisa procura analisar semioticamente algumas dessas charges. Pretendemos descrever mecanismos de construção do sentido das charges, para investigar como o chargista, como um *éthos* ou modo polemizador de presença, exacerbou satiricamente a figura religiosa. Como desdobramento de uma prática de censura fundamentalista contra a liberdade de expressão, os enunciadores foram sancionados com a morte. Partiremos de uma análise imanente, na qual o interior do texto verbo-visual deverá remeter ao exterior, ao próprio ator fundamentalista cravado na rigidez de uma fé que o bloqueia para as vozes da sátira. Mostraremos segmentos das charges que elevam a intensidade da voz satírica, o que teria força de impacto sensível junto aos fundamentalistas. Para a análise, não apenas as bases da semiótica narrativa e discursiva serão nosso apoio (GREIMAS; COURTÉS, 2008), encontraremos apoio teórico também na noção de gênero (BAKHTIN, 1997), para construir as características da charge, conforme determinada temática, composição e estilo. Passaremos pela semiótica visual (FLOCH, 1985), para entendermos como a forma dos planos da expressão e do conteúdo (Hjelmslev, 1975) vai ao encontro da substância, da expressão e do conteúdo. Ao tomar corpo, procuraremos apoio teórico e metodológico na gramática tensiva (ZILBELBERG, 2011). Então, o conjunto do sentido construído pelo Charlie Hebdo sobre o terrorismo, enquanto recursos de argumentação, deverá remeter à intensidade das paixões de derrisão, dos chargistas, que deverá confirmar o *éthos* “Charlie Hebdo”: um sujeito que acreditou na liberdade de querer e poder dizer o que pensa – satiricamente, com alvo certo, o fundamentalismo islâmico, mas um alvo discursivo apenas.

Palavras-chave: Charlie Hebdo, terrorismo, charges, semiótica

Análise dos discursos e dos textos verbais

13 Cássio Augusto Alves de Andrade Santos

cassioandradesantos@hotmail.com

Comunicação oral

Beatriz Raposo de Medeiros

Caracterização das vogais tônicas e átonas na canção popular: Descrição dos padrões formânticos

Investigamos nesta pesquisa de doutorado a produção de vogais tônicas, pré-tônicas e pós-tônicas no canto popular e na fala. Através de um experimento com 10 sujeitos, coletamos amostras de canto e fala de uma estrofe de uma canção popular brasileira, na qual inserimos logatomas. As comparações realizadas na pesquisa como um todo são entre as durações tão como entre os formantes das vogais. No Enapol passado, tratamos das descrições da duração. O trecho da pesquisa aqui apresentado traz, por sua vez, a descrição dos padrões formânticos.

A principal questão do trabalho toma como base dois pressupostos: i) a duração é o principal correlato acústico do acento lexical em português brasileiro falado – sendo as sílabas e vogais tônicas mais longas que as átonas (Massini-Cagliari, 1992) e ii) numa peça musical (cantada ou somente instrumental) a duração dos segmentos (notas) não é estabelecida a partir da acentuação (esta relacionada às estruturas rítmica e métrica), mas sim algo já pré-determinado na composição, ou seja, uma nota acentuada pode ser longa ou breve (Cooper; Meyer, 1960).

A estatística descritiva das amostras parece apontar que as ressonâncias no canto não se diferem das ressonâncias na fala, indo de acordo com a hipótese estabelecida (baseada em Benade, 1990), ou seja, as médias de f1 das vogais cantadas, por exemplo, quando comparadas às médias de f1 das vogais faladas, estão muito próximas. Tal fenômeno também parece ocorrer com f2 e f3.

Palavras-chave: Canto, acentuação, vogais, padrão formântico

Análise dos sistemas fonético e fonológico

14 Daniel Carmona Leite

daniel.leite@usp.br

Pôster

Ivã Carlos Lopes

Enunciado e enunciação na construção semiótica do protagonismo

Dentre os vários significados do termo protagonismo, está a ideia de que protagonista é aquele que desempenha um papel central em um texto dado. Partindo dos conceitos do aparato instrumental da semiótica greimasiana, podemos considerar essa ideia como formulação parcialmente coincidente com aquilo que chamamos sujeito, no nível narrativo. Essa acepção é utilizada recorrentemente em teoria literária e do cinema, nos estudos do folclore, na dramaturgia, entre outros contextos discursivos. No entanto, outro uso do termo vem sendo verificado com frequência nos dias de hoje. Este se dá, sobretudo, em textos que tratam assuntos como economia, esporte ou política. De início, trabalhamos com uma hipótese inicial: protagonismo é um processo gradual, que envolve a constituição do sujeito e sua tomada de consciência desse percurso, estando erigido sobre a construção semiótica do contrato reflexivo.

A manipulação narrativa, passagem na qual o destinador realiza a comunicação de valores modais a seu destinatário – levando às etapas da virtualização, atualização e realização, tem, no contrato fiduciário, seu mecanismo básico de estabelecimento. Tal construção adquire reflexividade a partir do momento em que um só ator discursivo investe os papéis de destinador, destinatário e sujeito (sincretismo actancial). Esse fato de significação se observa com maior clareza em textos que tratam dedicam certa “espessura” à constituição da subjetividade.

Para estudar o fenômeno com a profundidade necessária, utilizaremos corpus oral (constituído por entrevistas com jovens, falando sobre seus processos pessoais) e peças audiovisuais (documentários e programas de televisão), escolhidas por suas especificidades ao tratar da problemática em questão. A grande diferença no que diz respeito aos contextos de produção desses dois tipos de textos nos permitirá conhecer melhor a variedade de práticas enunciativas nos discursos que retratam a problemática do protagonismo na vida social contemporânea.

Palavras-chave: semiótica, subjetividade, protagonismo, identidade

Análise dos discursos e dos textos verbais

15 Dany Thomaz Gonçalves

danytrue@gmail.com

Pôster

Ronald Beline Mendes

“Assimilan(d)o”: O caso da assimilação de /d/ em gerúndios do Português Brasileiro

Desde o final dos anos 1970, têm sido realizados estudos sobre a pronúncia variável do sufixo de gerúndio – com ou sem assimilação de [d] (por exemplo, *falano ou falando*) – em diferentes variedades do português: Mollica (1989), Cristóvão Silva (1996), Martins (2001; 2006), Dalpian & Méa (2002), Honório (2005), Ferreira (2010). Não há, contudo, análises dessa variável na fala paulistana. O presente trabalho propõe, então, analisar os padrões de realização dessa variável nas entrevistas do Projeto SP2010 (MENDES & OUSHIRO, 2012).

Os estudos da assimilação variável de [d] tendem a se delimitar ao sufixo de gerúndio, dada sua baixa frequência em outros contextos (por exemplo, na palavra *quando* (FERREIRA, 2010)).

Autores clássicos como Amaral (1920), Marroquim (1934), Melo (1971), consideram o fenômeno como uma característica do falar “caipira”, próprios de falantes “incultos e rudes”. Conclui-se para que tais autores, tal fenômeno é estigmatizante. No Rio de Janeiro, Mollica (1989) mostra que este caso de assimilação não é socialmente marcado, embora a variável se correlacione a fatores sociais (além de linguísticos). Mollica mostra que os jovens de 7 a 14 anos são os que mais produzem a assimilação (80% dos casos). Em São José do Rio Preto, Ferreira (2010) verifica que há um processo de mudança na direção da assimilação de [d], uma forma que caracterizaria a comunidade riopretense, sendo recorrente na fala dos homens, dos menos escolarizados e dos mais jovens (7 a 35 anos).

A presente proposta visa a verificar quão frequente é a assimilação na fala paulistana e qual é a sua correlação com variáveis sociais tais como gênero/sexo, idade e escolaridade, além de variáveis linguísticas como extensão do vocábulo, vogal temática da forma verbal, contexto seguinte e controlar a ocorrência da assimilação de acordo com a frequência do item lexical.

Palavras-chave: assimilação de /-d/, gerúndio, São Paulo

Estudo da variação, da mudança e do contato linguístico

16 Danyllo Ferreira Leite Basso

danylloferreiraleitebasso@gmail.com

Pôster

Norma Discini de Campos

Entre a Semiótica e Bakhtin Do útero ao túmulo e do túmulo ao útero: a(s) vida(s) e a(s) morte(s) do álbum *SeteVidas*, de Pitty

A proposta de pesquisa aqui enunciada acontece a partir de questões acerca do gênero canção e, ainda mais especificamente, do gênero álbum de canção. O objeto semiótico (texto) em pauta é o álbum *SeteVidas* (2014), da cantora e compositora Pitty. Pensar texto em concordância com os postulados da Semiótica (GREIMAS) significa refletir acerca da interação entre um plano do conteúdo e um plano da expressão. Em outras palavras, a pesquisa debruçar-se-à sobre o dito e sobre a maneira que é dito, e daí se depreenderá um estilo (DISCINI), um *éthos* daquele que (se) enuncia. A fim de se manter o rigor, e por questões espaço-temporais, a pesquisa lançará luz apenas sobre o encarte - posto no cotejo entre uma imagem inaugural e as canções compiladas na modalidade escrita -, ao deixar de lado, a priori, as canções de fato cantadas, os videoclipes e as performances. A hipótese central é de que haja subjacente às variantes do álbum certa invariância revelada num nível fundamental, narrativo e discursivo comum às (dez) canções. Dito de outra forma, coloca-se por horizonte a relação do todo com as partes, das variantes com as invariantes, das aparências com as subjacências (DISCINI). No território do *éthos*, a Semiótica será posta em vizinhança com o Círculo de Bakhtin, no que tange à noção de gênero do discurso, posto no crivo de um estilo, uma forma composicional e um tema. A pesquisa, portanto, percorrerá um caminho (gerativo de sentido) do nível fundamental aos intertextos e interdiscursos (sem deixar de lado, ainda, as questões tangentes às pré-condições do sentido -ZILBERBERG; FONTANILLE; DISCINI), ou seja, da imanência à transcendência, tocando na aparência, ao pensar os enunciados cá elencados como estrutura (fonológica, morfológica, sintática, semântica) imanente aberta ao 'mundo', aos sujeitos, aos valores, às ideologias, isto é, aberta à transcendência, os quais esmiuçados revelam o *éthos* daquele que os compõe ao passo que se compõe.

Palavras-chave: Semiótica; Círculo de Bakhtin; Gêneros do Discurso; álbum de canção.

Análise dos discursos e dos textos verbais

17 Dario de Araujo Cardoso

dariocardoso@usp.br

Comunicação oral

Norma Discini de Campos

Recursos discursivos para constituição da cena enunciativa dos escritos de Lucas na Bíblia Sagrada

A proposta tese é discutir, a partir de textos extraídos da Bíblia Sagrada, a delimitação discursiva do corpo actorial nas narrativas bíblicas. Buscamos explicitar o modo como o texto bíblico, na qualidade de enunciado marcado por pessoa, tempo e espaço definidos, constrói para si sentido de discurso onnipessoal, omnitemporal e omni espacial que o qualifica como texto fundador do cristianismo e o faz ser sancionado com o reconhecimento de palavra revelada de Deus. A hipótese central a ser verificada é a de que o texto bíblico discursiviza o mundo divino e seus atores e produz um impacto sensível que mobiliza o corpo do enunciatário a um fazer interpretativo que sanciona o texto bíblico como palavra revelada de Deus. A pesquisa tem se desenvolvido por meio de estudos da actorialização no Evangelho de Lucas e em Atos dos Apóstolos, textos bíblicos do Novo Testamento que se caracterizam pela narrativa historiográfica e pela apresentação de prólogos enunciativos. Estes constroem, por meio da enunciação enunciada, uma peculiar cena enunciativa em que o enunciador, além da tradicional função de destinador, também desempenha o papel actancial de adjuvante do destinatário na constituição do mundo divino. A pesquisa, qualificada em outubro de 2015, apresenta como resultados parciais a demonstração do estabelecimento de um contrato de veridicção peculiar que faz com que, na relação enunciador-enunciatário, um novo conjunto de crenças seja formado para que se configure a presença divina. Também observou-se o deslocamento actancial do enunciador se funda no conceito greimasiano de destinador transcendente. A presente comunicação trata dos recursos discursivos utilizados no Evangelho de Lucas e no Livro de Atos dos Apóstolos para a construção e legitimação de sua cena enunciativa.

Palavras-chave: Cena Enunciativa; Semântica discursiva; Actorialização; Bíblia Sagrada

Análise dos discursos e dos textos verbais

18 Edgard Santana Bikelis

bikelis@gmail.com

Comunicação oral

Maria Cristina Fernandes Salles Altman

O Conceito de Sistema no *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes* de Ferdinand de Saussure

O presente projeto visa a estudar o *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes*, publicado em 1878 por Ferdinand de Saussure (1857-1913), por meio da metodologia da Historiografia Linguística à luz da obra de Koerner (1996, 1999, 2014) e Swiggers (2009, 2011, 2012, 2013).

Saussure é conhecido especialmente como o autor póstumo do Curso de Linguística Geral de 1916, obra vista, pelas gerações que o sucederam, tanto como a fundadora tanto do chamado ‘estruturalismo’ linguístico, como também da Linguística contemporânea (SANDERS 2004:2). Em vida, no entanto, seu reconhecimento se deu em grande parte pela publicação do *Mémoire*, como pode-se averiguar, por exemplo, no prefácio anônimo do volume de 1908 dos *Mélanges da Société Linguistique de Paris*, dedicado a Saussure. Nele, agradece-se pelas contribuições “[d]os linguistas eminentes, compatriotas do Sr. F. de Saussure, que aceitaram unir suas homenagens àquelas dos antigos alunos do autor do *Mémoire* [...]”

Temos, assim, um texto de um autor fundamental para a Linguística moderna que, apesar disso, parece-nos ser pouco estudado, visto que trata de um problema específico do estudo diacrônico das línguas indo-europeias e se opõe, dessa forma, ao enfoque sincrônico dominou que os estudos linguísticos em grande parte do Século XX.

Neste projeto, investigamos o surgimento da disciplina da gramática comparada, além de reconstruir o clima de opinião quanto ao sistema vocálico do proto-indo-europeu (PIE) à época da publicação do *Mémoire*, valendo-nos mormente das abundantes fontes secundárias recentes, e das primárias, quando preciso. Tendo tais subsídios, pudemos analisar o método de que Saussure se valeu para o estudo do “sistema de vogais” do indo-europeu. Finalmente, estudaremos a terminologia usada por Saussure, como os termos fonema e sistema, este último que teria, como sabemos, enorme importância para o Saussure autor do Curso de Linguística Geral.

Palavras-chave: Saussure, *Mémoire*, indo-europeu, sistema, historiografia linguística

História do conhecimento da linguagem e das línguas, historiografia e documentação linguísticas

19 Eliane Domaneschi Pereira

elianrev@gmail.com

Comunicação oral

Waldir Bevidas

A dimensão cognitiva do discurso: abordagem teórica e propostas de análise de acordo com a semiótica de linha francesa

Este estudo situa-se no domínio teórico da Semiótica da Escola de Paris e atém-se à dimensão cognitiva do discurso, detendo-se às modalidades que aí se articulam: o crer e o saber. Tomando como fundamentação teórica o texto paradigmático de Greimas sobre o tema, “Le savoir et le croire: un seul univers cognitif” (1983), a posterior reelaboração tensiva que essa questão recebe de Zilberberg, em “Raison et poétique du sens” (1988), e a obra “Le savoir partagé” (1987), de Jacques Fontanille, abrimos três frentes de investigação. Juntas, elas formam a problemática deste trabalho. Nossa metodologia de pesquisa alia a reflexão e discussão sobre o conteúdo das teorias à sua aplicação prática em análises de objetos descritos a seguir. A primeira questão concerne ao funcionamento e possível hierarquização do crer e saber, em que verificaremos o rendimento da proposta de Fontanille, em “Le savoir partagé”, de abordagem do crer como termo marcado em relação ao saber, não-marcado, e a ela dedicamos a análise do conto “A cartomante”, de Machado de Assis, levando em conta as oscilações tensivas ligadas às operações cognitivas do sujeito em narrativa. A segunda frente se volta à questão da confiança, posta em relevo por Denis Bertrand em textos como “Confiance politique et fiducia” (1999) e “Croyance, crédit, créance” (2012), e nela analisamos um hoax de internet (notícia falsa ou factóide que se espalha como verdadeiro em curto período de tempo). Em terceiro lugar, abordamos a questão da memória junto à dimensão cognitiva, partindo de dois modelos descritivos que associam o saber à memória – o de Fontanille em “Le savoir et le croire: un seul univers cognitif” (1982) e de Pottier em “Le croire dans une perspective sémio-linguistique dynamique” (1983) – para, posteriormente, analisarmos trechos de “Em Busca do Tempo Perdido”, de Marcel Proust.

Palavras-chave: Crer; saber; modalidades epistêmicas; modalidades veridictórias; confiança; memória

A linguística e sua interface com outras ciências, teóricas e aplicadas

20 Fernanda Rosa da Silva

fernandarosa2006@yahoo.com.br

Comunicação oral

Marcelo Ferreira

Deslocamento de tópico não-contrastivo no português brasileiro: restrições e particularidades

Este trabalho busca identificar as características e restrições semânticas e pragmáticas ocorridas em contextos que apresentem sentenças com deslocamento, nos quais haja o conceito de tópico não-contrastivo. Tópico não-contrastivo não veicula contrastividade, já que o elemento tópico é contrastado com outro elemento. Observe o diálogo a seguir:

(1) A: E o João? Quem ele tá namorando?

B: O João tá namorando a Maria. Essa menina, ele conheceu na universidade.

No contexto acima não é claro que ao falar sobre essa menina, o falante contraste com outros indivíduos disponíveis. Desta maneira, a pesquisa busca responder às seguintes perguntas: i) a posição do elemento deslocado influencia na interpretação da sentença?; ii) definitude é noção predominante em tópicos não-contrastivos deslocados?; iii) sintagmas com função de tópico não-contrastivo necessariamente precisam ser mencionados previamente no contexto? iv) elementos com função de tópico não-contrastivo se mantêm na continuidade do discurso?

A discussão de deslocamento de tópico não-contrastivo é necessária, visto que pesquisas em outras línguas indicam que deslocamento geralmente está veiculado à contrastividade (Prince, 1998; Prince & Ward, 1991; Carlson, 1983). Nossa hipótese é que em PB podem ocorrer sentenças com deslocamento sem que estas veiculem contrastividade.

Nossa pesquisa está fundamentada em teorias formalistas de semântica e pragmática como Reinhart (1981), Büring (1999, 2003), Roberts (1996, 2010), Vallduví (1990, 2014), Vallduví & Engdahl (1996).

Nesta análise, pode-se observar que a posição do elemento deslocado influencia na aceitabilidade da sentença. Se for sujeito, a sentença é bem empregada. Objeto deslocado com retomada de pronome pode ser utilizado em um contexto não contrastivo, enquanto sem pronome é necessariamente contrastivo. Definitude não é noção predominante em contextos de tópico não-contrastivo. Menção prévia não é condição necessária, porém deslocamento sem menção prévia ocorre apenas na posição de sujeito. Elementos não-contrastivos podem ser retomados na continuidade do discurso.

Palavras-chave: deslocamento; contraste; definitude; menção prévia

Estudo de princípios e parâmetros linguísticos

21 Gisele Tomaz do Carmo

gtomaz@usp.br

Pôster

Beatriz Raposo de Medeiros

Estudo do padrão formântico da fala atuada e do canto no teatro popular

O objetivo deste trabalho é comparar o padrão formântico da fala atuada com o do canto no teatro popular, com base nos estudos de Raposo de Medeiros (2002). O estudo subsidiará discussões da ordem de alguns aspectos acústicos da fala em questão e essas discussões poderão servir de base para futuros estudos sobre inteligibilidade.

Para a análise acústica, selecionamos a canção “Enchente” da peça “Hospital da Gente” que pertence ao repertório do Grupo Clariô de Teatro, situado na periferia de São Paulo. A partir desta canção serão extraídas as sentenças para as medidas de formantes.

Procedemos com a coleta dos dados no Laboratório de Fonética da USP, utilizando equipamento de gravação de excelente qualidade (microfone AKG e gravador Marantz) Nossa informante foi uma atriz profissional, pertencente ao Grupo Clariô que, primeiramente, cantou a canção Enchente, e em seguida produziu a fala atuada desse texto. A orientação dada à atriz era de que ela cantasse e falasse como se estivesse no palco.

Após a gravação, segmentamos os dados em noventa sentenças menores para facilitar a futura medição e comparação dos valores do padrão formântico das vogais tônicas.

A análise acústica está em seu estágio inicial e por isso focaremos a questão do corpus escolhido e da coleta de dados, bem como a necessidade de uma terceira condição de gravação. Medidas de duração poderão ser feitas, observadas e posteriormente utilizadas para verificar diferenças entre fala e canto.

Palavras-chave: Fonética, Teatro, Canto e Fala

Análise dos sistemas fonético e fonológico

22 Guilherme Weffort Rodolfo

guilherme.rodolfo@gmail.com

Comunicação oral

Waldir Beividas

Proposta de análise para a música predadora de sentidos no cinema

As composições musicais para cinema constroem argumentos fortes às cenas, predicando-as e, com isso, construindo efeitos de sentidos ricos e dignos de análise. No entanto, as disciplinas preocupadas com a análise musical, com a análise do cinema e, da mesma forma, com os meios de comunicação, parecem não concordar quando unidas e dirigidas à observação da composição musical ligada às cenas filmicas. O cinema, de modo geral, tanto foi valorizado quanto valorizou a música, passando a utilizá-la como parte preponderante do espetáculo. Assim, torna necessária a leitura da música composta para cenas filmicas como organismo predador de sentidos, e de ação manipuladora de estados patêmicos diante de seus públicos.

Fixando conceitos nos desenvolvimentos da semiótica tensiva, aquela composta e atualizada por Claude Zilberberg pretendendo analisar a cena “O Batismo”, do filme “O poderoso chefão” (1972), dirigido por Francis Ford Coppola e musicado por Nino Rota, a fim de compreender os sentidos predicados pela música. O trabalho, quando concluído, deverá abordar a metodologia escolhida, portanto, a semiótica tensiva, assim como a composição musical para cinema, os conceitos sonoros e história da chamada “trilha sonora” e, por fim, a análise do fragmento escolhido. Desta análise será possível depreender um método, baseado na semiótica tensiva, a ser inserido no trabalho.

Na apresentação deste evento mostrarei o andamento do trabalho, o princípio epistemológico da análise e a organização geral da tese, além de algumas possíveis conclusões.

Palavras-chave: Semiótica tensiva, Zilberberg, Análise, música, cinema

A linguística e sua interface com outras ciências, teóricas e aplicadas

23 Henrique Martins de Moraes

henriquemmoraes@usp.br
Comunicação oral
Paulo Chagas de Souza

O Sistema de Casos do Francês Antigo e a Entrada Lexical das Palavras no Francês Moderno: uma Hipótese Fonêmico-Morfológica

Essa apresentação visa tratar sobre uma hipótese em relação a um conjunto de palavras que em francês moderno possuem a grafia “eau”, tais quais “beau”, “chateau”, “tableau” e muitas outras, sendo estas geralmente nomes masculinos. Primeiramente demonstramos que estas palavras, no francês medieval, não se diferenciavam morfológicamente de outros nomes masculinos, sendo a constituição dessas palavras como um grupo morfológico à parte um fenômeno recente. O que acreditamos ser a peculiaridade deste grupo é o seu comportamento em relação ao fenômeno da vocalização da consoante lateral, tal como ocorre atualmente em português em palavras como “mal”, “maldade” e outras. Explicamos brevemente como esse fenômeno afetou o francês medieval usando a proposta de CLEMENTS 1995. A seguir, apresentamos a hipótese de MANZ 2001 sobre o porquê do comportamento peculiar desse grupo de palavras, hipótese relacionada a uma possível analogia do singular com o plural, da qual discordamos. A nossa hipótese, que será explorada em mais detalhes, diz respeito ao uma possível entrada lexical dessas palavras via caso nominativo, do francês medieval para o francês moderno, e não via caso oblíquo, como ocorreu na maioria das outras palavras do francês. Discorreremos também, brevemente, sobre essa questão da entrada lexical das palavras nas línguas românicas a partir do latim e a sua relação com o sistema de casos do próprio latim.

Palavras-chave: Língua Francesa, Fonologia, Morfologia, Linguística Histórica

Estudo das palavras

24 Ivan Pasta Zanni

ivan.zanni@usp.br

Pôster

Evani Viotti

A teoria popular sobre línguas e sua interferência na pesquisa linguístico

O objetivo desta pesquisa é demonstrar que certas pressuposições de natureza não científica sobre a forma como as línguas se diferenciam são inadvertidamente incorporadas pela maior parte dos linguistas, ao ponto de distorcer suas investigações científicas. O conceito de teoria popular apresentado por Lakoff (1987) será aplicado ao estudo de tais pressuposições. O mesmo autor e obra fornecerão o instrumental teórico-metodológico das categorias radiais, fundamentais não somente para a compreensão de teorias populares, mas também para a apresentação de um ponto de vista alternativo sobre a diferenciação das línguas. Esse ponto de vista, a ser proposto com o fito de superar as limitações presentemente impostas à pesquisa em linguística pela teoria popular sobre línguas, será também baseado em princípios sociolinguísticos – especificamente, na perspectiva evolucionista sobre variação e mudança linguísticas preconizada por Mufwene (2008). A argumentação a respeito do caráter prejudicial da teoria popular sobre línguas será desenvolvida principalmente a partir de um estudo de caso das controvérsias estimuladas pela pesquisa de Wright (1982) sobre a diferença entre latim medieval e línguas românicas.

Referências Bibliográficas

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

MUFWENE, S. S. *Language Evolution: contact, competition and change*. London/New York: Continuum, 2008.

WRIGHT, R. *Late Latin and Early Romance in Spain and Carolingian France*. Liverpool: Francis Cairns, 1982.

Palavras-chave: categorias científicas, variação linguística, mudança linguística, contato entre línguas, latim medieval

Estudo da variação, da mudança e do contato linguístico

25 Julia Lourenço Costa

juliajlc@gmail.com

Comunicação oral

Norma Discini de Campos

O ethos e suas faces: o discurso ecológico pelo viés diacrônico

A proposta da pesquisa é refletir acerca da noção de sustentabilidade adotando um ponto de vista diacrônico, para isso são analisados anúncios publicitários publicados pela Revista Veja, desde a década de 1960 até os dias atuais. A perspectiva diacrônica adotada permite vislumbrar as especificidades discursivas de cada período e sua relação com a temática ecológica, além disso possibilita verificar o modo de construção do ethos caracterizado pela preocupação ambiental. Para as análises do discurso publicitário, tomamos como base principal os anúncios da empresa Vale, nos quais a construção do éthos da marca remetem ao tripé da sustentabilidade: projetos sociais, análises econômicas e preservação ambiental. Como contraponto ao discurso publicitário, observamos o funcionamento do discurso jornalístico acerca da mesma temática, procurando analisar a construção da significação e dos efeitos de sentido próprios ao gênero. Além disso incorporamos às nossas análises o caso da queda da barragem de Mariana – MG, como acontecimento a partir do qual o discurso jornalístico se proliferou na mídia. Para isso, analisamos principalmente as reportagens veiculadas pela Revista Veja online acerca do acidente e a consequente emergência do anti-ethos relacionado à sustentabilidade. Para as análises mencionadas, a fotografia é ponto central, na medida em que responde às noções barthinianas de punctum e studium e sua relação com cada gênero analisado: fotografia de publicidade e fotojornalismo. As bases teóricas remetem à Greimas (1993, 2008); Floch (1995, 2009); Landowski (1992, 1997); Zilberberg (2011); Barthes (2012); Discini (2015) além do pensamento de Maingueneau (2008) acerca da relação entre discurso, sociedade e história.

Palavras-chave: ethos; corpo; sustentabilidade; fotografia

Análise dos discursos e dos textos verbais

26 Juliana Ángel Osorno

jangelosorno@usp.br
Comunicação oral
Evani Viotti

Movimentos de ponto de vista em uma narrativa em espanhol andino colombiano

O objetivo geral da pesquisa é descrever a estrutura semântica de uma narrativa em espanhol andino colombiano, a partir da Teoria de Espaços Mentais proposta por Gilles Fauconnier (1997). Atenção especial está sendo dada às estruturas relacionadas aos aspectos imperfectivo e perfectivo. As narrativas utilizadas para a pesquisa fazem parte de um corpus de entrevistas etnográficas recolhidas por Valentina Arango Villalón em 2011, na Reserva Indígena de Pastás, no Município de Aldana, que se encontra no Departamento de Nariño, na Colômbia.

Apresentarei a análise de uma das narrativas, a da Criação da Viúva e dos Duendes, que ilustra a aplicação do modelo de Espaços Mentais (FAUCONNIER 1994, CUTRER 1994) e os movimentos de Ponto de Vista que emergem da utilização de Pretéritos Perfeito e Imperfeito na narrativa. Esses usos de Pretérito Perfeito e Imperfeito na narrativa permitiram estabelecer que a escolha de aspecto verbal, quando se trata de reportar acontecimentos passados, tem a ver com o posicionamento do narrador nos eventos narrados. O uso do Pretérito Perfeito coloca o ponto de vista do narrador fora do espaço sendo elaborado, ou espaço FOCO (FAUCONNIER 1994, CUTRER 1994), o que só permite seu reconhecimento como um self narrador (DOIZ-BIENZOBAS 1995) externo ao acontecimento. Já o Pretérito Imperfeito coloca o ponto de vista e o foco no mesmo espaço mental, o que identifica o narrador com um self experienciador (DOIZ-BIENZOBAS 1995), independentemente de a personagem que participa do evento ser o próprio narrador ou não.

Palavras-chave: Espanhol, Espaços Mentais, Aspecto, Ponto de Vista

A linguística e sua interface com outras ciências, teóricas e aplicadas

27 Júlia Sales Paez Fernandez

julia.spfernandez@gmail.com

Comunicação oral

Paulo Chagas de Souza

A lenição consonantal na língua dinamarquesa - descrição dos processos de enfraquecimento na fala de Copenhague

O intuito deste trabalho é compreender como se dão os processos de lenição consonantal na língua dinamarquesa padrão – falada na região de Copenhague –, tendo como conjunto de dados as gravações de fala espontânea de diálogos e monólogos do corpus DanPASS (Grønnum, 1996 – 2004). O grupo de consoantes observado se divide em seis oclusivas (p) (b) (k) (g) (t) (d), duas fricativas (f) (v) e uma líquida (r). O ponto de partida foi uma descrição histórica da língua (Bandle et al. 2002; 2005), acompanhada por uma análise quantitativa, sobre o conjunto de monólogos, que comparou as formas fonológicas às realizações fonéticas das ocorrências. Num primeiro momento, as variáveis que se mostraram influentes no comportamento de enfraquecimento consonantal foram: a hierarquia de domínios prosódicos (fora de fronteira; fronteira silábica; fronteira de palavra; sintagma entoacional), seguindo a hipótese de Fugeron e Keating (1997), que afirma haver uma relação de manutenção dos segmentos, quanto mais alto o domínio prosódico na hierarquia; a posição do segmento na sílaba (ataque; coda), sendo a primeira posição considerada privilegiada (Beckman, 1998) e assim, favorável à manutenção, a interação entre essas duas variáveis, já que as duas indicam posicionamento do segmento, a tonicidade da sílaba (tônica; átona), também seguindo a proposta de Beckman (1998), embora mostrando uma distribuição mais equilibrada que foi destrinchada quando observada a interação entre essa variável e a variável de posição do segmento na sílaba. Uma segunda análise, em andamento, leva em conta as formas fonéticas das ocorrências, e suas respectivas formas mais prototípicas, e subdivide a tonicidade com relação à proeminência da sílaba tônica no contorno entoacional de um grupo acentual, já que no dinamarquês padrão, essa mesma sílaba se encontra, normalmente mais baixa do que a postônica e as átonas que a seguem numa curva entoacional (Grønnum, 2005).

Palavras-chave: Lenição; Dinamarquês; Ocorrências; padrão entoacional; proeminência

Análise dos sistemas fonético e fonológico

28 Kamunjin Tanguete (Valéria Nalin)

kamunjin@yahoo.com.br

Comunicação oral

Maria Cristina Fernandes Salles Altman

Os atos diretivos e os expressivos nas peças psicológicas de Nelson Rodrigues

O objetivo deste trabalho é descrever como atos de fala diretivos e expressivos (cf. Searle, 1979) ocorrem em interações conversacionais (cf. Orecchioni, 2006), nas peças psicológicas de Nelson Rodrigues, a saber, *A Mulher sem Pecado* (1941), *Vestido de Noiva* (1943), *Valsa n. 6* (1951), *Viúva, porém Honesta* (1957) e *Anti-Nelson Rodrigues* (1973).

Por fundamentação teórica utilizamos a tese de Catherine Kerbrat-Orecchioni, *Les Interacciones Verbales* (1990; 1992 e 1994), em que propõe duas categorias para análise da interação: os relacionemas horizontais e os taxemas, que permitem classificar a que tipo de relação uma interação pertence; e a Teoria dos Atos de Fala de John Searle (1969; 1979 e 1983), em que possibilita verificar a que classe pertence o ato de fala ocorrente nestas interações.

Segundo Orecchioni (2006), os participantes da interação ocupam posições hierárquicas que podem ser: iguais, quando a relação é horizontal; ou diferentes, quando a relação é vertical, em que os interactantes assumem a posição alta ou baixa na interação, a depender dos papéis interacionais que ocupam. As categorias para verificar relações horizontais são os relacionemas, e para as relações verticais são os taxemas.

Atos de fala diretivos e expressivos (cf. Searle, 1979) são considerados importantes taxemas nas relações verticais, sendo o primeiro proferido por quem ocupa a posição alta, e o segundo proferido por quem ocupa a posição baixa.

Nas relações horizontais, descrevemos como atos diretivos do tipo 'desafiar' ou 'ameaçar' criam tensões psicológicas impulsionadas pelo jogo de forças hierárquicas presentes, sem modificar o tipo de relação a que a interação pertence.

Nas relações verticais descrevemos de que maneira os interactantes se utilizam destes atos para inverter suas posições hierárquicas (quem assume a posição baixa, passa a assumir a alta e vice-versa, ainda que não invertam seus papéis interacionais), e se isto também resultará em tensões psicológicas.

Palavras-chave: Relação Interpessoal, Atos de fala diretivos, Atos de fala expressivos, Tensão psicológica

Análise dos discursos e dos textos verbais

29 Karin Camolese Vivanco

karin_c_v@hotmail.com

Comunicação oral

Luciana Raccanello Storto

Perguntas Qu- de longa distância em Karitiana

O objetivo desse trabalho é fazer uma descrição e oferecer uma análise preliminar de perguntas qu- de longa distância em karitiana, uma língua Tupi-Arikém (RODRIGUES, 1986). De forma geral, as línguas formariam perguntas qu- de duas formas: (1) com o elemento qu- movido para a periferia da oração ou (2) com o elemento qu- *in situ*. No karitiana, perguntas simples enquadrariam a língua no primeiro tipo, pois nelas o elemento qu- sempre aparece na periferia esquerda da oração. A formação de perguntas qu- também é sensível ao alinhamento ergativo da língua (STORTO, 2008): quando o elemento qu- é um argumento absolutivo, o morfema -mon é obrigatório; a extração de argumentos ergativos, contudo, não dispara nenhuma morfologia especial. Além disso, a extração de argumentos oblíquos envolve o morfema de oblíquo -ty.

Perguntas qu- de longa distância (*i.e.*, quando o elemento qu- é um constituinte de uma oração subordinada) são formadas de uma forma diferenciada em karitiana. Nessas construções, a oração subordinada inteira parece ser deslocada para a periferia esquerda. Além disso, a extração de um elemento absolutivo nesses casos não segue o padrão de perguntas simples com absolutivos, pois o elemento qu- não recebe o morfema -mon. Nos dados coletados até o momento, a única morfologia presente é o oblíquo -ty exigido pelos verbos da matriz - ele, no entanto, aparece marcando a oração inteira e não apenas o elemento qu-. Nossa análise então é de que, em perguntas qu- de longa distância, a oração subordinada inteira se moveria para o início da matriz em um processo similar ao *pied piping* com preposições (ROSS, 1967). Em última instância, isso nos levaria a classificar o karitiana como uma língua de qu- movido, com a ressalva de que, em perguntas de longa distância, o elemento deslocado seria um constituinte maior do que apenas o elemento qu-.

Palavras-chave: Sintaxe, pergunta qu-, oração subordinada

Descrição de línguas não-indo-européias

30 Karina Gonçalves de Souza de Oliveira

kgsoliveira@gmail.com

Comunicação oral

Paulo Chagas de Souza

Adaptação fonológica em esperanto: um estudo sobre empréstimos recentes

O esperanto é uma língua planejada, mas não artificial. Evoluiu naturalmente para uma língua corrente, que, assim como qualquer língua, está sujeita à variação e à mudança.

A pesquisa se justifica, portanto, pela necessidade de se estudar uma língua que vem sendo usada para comunicação internacional, mas que não se sabe bem, em todos os campos dos estudos linguísticos tradicionais (fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, etc.) como realmente se dá tal comunicação.

Tomando como modelo teórico a Fonologia de Empréstimo (*Loanword Phonology*) (Paradis, 1988; Kang, 2011), estudamos os processos fonológicos pelos quais as palavras passam ao serem adaptadas no esperanto, e verificamos quais são os padrões de adaptação.

Nos focamos principalmente em contextos como ataques e codas complexos, formação ou desaparecimento de ditongos, manutenção ou queda de vogais longas e breves, adaptação de ponto de articulação ou grau de vozeamento. Estudamos, a partir da língua de origem da palavra, quais segmentos são mantidos, quais são transformados, quais são elididos, enfim, como a palavra se adapta de acordo com as restrições fonológicas do sistema do esperanto.

Dessa forma, nosso trabalho pretende contribuir para o entendimento da evolução da língua, ao descrever tais processos.

O corpus constitui-se por palavras que entraram recentemente na língua. Foi feita uma lista de palavras de duas revistas de grande circulação (*Esperanto* e *Kontakto*), com edições publicadas entre 2004 e 2014. Além disso, palavras de listas terminológicas (como da área de tecnologia) foram selecionadas. A seleção do corpus ainda não foi finalizada, mas alguns de nossos dados já nos mostram que uma importante variação na adaptação de palavras é se a palavra de origem provém da forma fonética (como em *Fejsbuko* [fejs'buko], proveniente de Facebook ['feisbʊk]) ou da forma ortográfica [i'fono], adaptada da palavra iPhone ['aifəʊn]) (Vendelin e Peperkamp, 2006).

Palavras-chave: esperanto; fonologia de empréstimo; adaptação fonológica

Análise dos sistemas fonético e fonológico

31 Klauber Renan Dutra de Oliveira

klauber89@usp.br
Comunicação oral
Ana Paula Scher

Uma abordagem não-lexicalista para os paradigmas verbais defectivos e sincréticos no português brasileiro

A classe gramatical dos verbos apresenta fenômenos intrigantes que ainda demandam muitas pesquisas. Um desses fenômenos é a defectividade, que acontece quando um verbo carece de formas que correspondam às pessoas verbais em sua conjugação. Esse fenômeno se verifica, principalmente, no português brasileiro, nos verbos pertencentes à 3ª conjugação, tais como *falir*, em que é ausente a forma de 1ª pessoa do singular do modo indicativo, além de suas formas derivadas. Além disso, há uma relação entre a defectividade e outro fenômeno que é o sincretismo o qual consiste quando uma mesma forma pode apresentar traços gramaticais diferentes. Uma primeira questão principal desta pesquisa é saber o que acontece na morfologia de verbos, como *banir*, *colorir*, *explodir*, *competir*, entre outros, para que ocorra a defectividade. Para abordar tal questão, partiremos da identificação dos diferentes tratamentos já sugeridos para ela, fundamentados em diferentes modelos morfológicos (Arregi & Nevins (2014), Nevins, Damulakis & Freitas (2014), Baerman, Corbett e Brown (2010)). Outra questão é saber como a relação entre defectividade e sincretismo proposta por Stump (2010) pode ser utilizada em verbos no PB. A partir daí, procuraremos verificar como uma abordagem não-lexicalista para os estudos morfológicos das línguas naturais, nomeadamente o modelo da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993), poderia responder às mesmas questões de que trataram os autores mencionados acima, e se há vantagens em tomar esse modelo como fundamentação teórica.

Palavras-chave: paradigmas verbais; defectividade; sincretismo; morfologia distribuída

Estudo das palavras

32 Larissa Grasiela Mendes Soriano

larissa.soriano@usp.br

Comunicação oral

Ronald Beline Mendes

Como as características sociais do ouvinte afetam sua percepção fonética

Este trabalho apresenta os resultados de um experimento de percepções sociolinguísticas (Campbell-Kibler, 2006; Hay & Drager, 2007) que investiga como moradores da cidade de São Paulo percebem diferenças fonéticas entre cinco pronúncias de (-r) presentes no dialeto paulistano em maior ou menor medida: (i) vibrante com três “batidas”, (ii) vibrante com duas “batidas”, (iii) tepe, (iv) aproximante alveolar e (v) retroflexo.

Os participantes deveriam ouvir pares de estímulos (como a palavra *curto* com as pronúncias (ii) e (v)) e responder, em uma escala de 0 a 100, o quanto as pronúncias lhes soavam semelhantes ou diferentes. Esperava-se que o par formado por variantes mais “distantes” acusticamente ((i)-(v)) recebesse a nota 100, enquanto os pares com menor diferença ((i)-(ii), (iv)-(v), p.e.) recebessem as menores notas na escala.

O teste foi aplicado a 109 participantes residentes na cidade de São Paulo e pertencentes a grupos sociais distintos. As análises, feitas no programa R (R Core Team, 2013) mostram que nenhuma das variáveis linguísticas analisadas (tais como tonicidade da sílaba e contextos fônicos precedente e seguinte – que em trabalhos anteriores (Oushiro, 2015) mostraram afetar significativamente a produção do /-r/ em São Paulo) foram selecionadas como significativas para a percepção dessas variantes. Por outro lado, as características sociais do ouvinte (tais como a residência em regiões mais centrais ou periféricas da cidade e seu sexo/gênero) afetaram significativamente a percepção e atribuição de diferença entre as variantes de (-r). Esses resultados reforçam o argumento de que não só a produção, como também a percepção fonética é mediada por fatores sociais, e varia sistematicamente.

Palavras-chave: percepção sociolinguística; percepção fonética; /-r/ em coda; português paulistano

Estudo da variação, da mudança e do contato linguístico

33 Lucas Cavalini Barboza

lucas.cavalini.barboza@usp.br

Comunicação oral

Luciana Raccanello Storto

Aspectos da glotalização na língua Dâw: estudos preliminares

Na primeira etapa da pesquisa “Aspectos da glotalização na língua Dâw: um estudo de fonética experimental”, realizei estudos preliminares sobre as propriedades acústicas da glotalização na língua Dâw, o seu padrão temporal e a sua distribuição entre as consoantes orais e nasais. Além disso, propus algumas hipóteses a respeito do desenvolvimento diacrônico da glotalização e outros aspectos fonológicos relacionados nas línguas Nadahup, família linguística à qual se filiam as línguas Hup, Yuhup, Dâw e Nadèb (EPPS, 2005). A glotalização, definida com uma categoria de tipos de fonação que compreende a fonação rangeada e a voz áspera (EDMONDSON; ESLING, 2006), possui função distintiva na língua Dâw (MARTINS, 2004). Nesta apresentação, abordarei mais detidamente as principais características acústicas de ambos os modos de fonação das consoantes glotalizadas: o alto nível de FO da voz áspera ($p < 0,001$) e a baixa periodicidade ($p < 0,001$) da fonação rangeada, sendo o termo de comparação a voz modal das consoantes simples. Tratarei também do padrão temporal das propriedades mencionadas, argumentando que a influência das propriedades acústicas da glotalização na percepção das consoantes pode ser a causa dos padrões observados. A redução de periodicidade, mais intensa na fonação rangeada, limita-se aos intervalos mais distantes da vogal adjacente. Por outro lado, o aumento de FO é constatado ao longo de toda a consoante e em parte da vogal vizinha. A redução de periodicidade, ao contrário das alterações em FO, pode dificultar a determinação dos formantes. Entretanto, se a redução de periodicidade restringe-se às partes distantes das áreas de transição de formantes, o grau de interferência deve ser diminuído. Como será comentado na apresentação, o padrão temporal de outras propriedades acústicas e a distribuição da fonação rangeada e da voz áspera entre as consoantes glotalizadas orais e nasais sugerem, da mesma maneira, motivações perceptuais.

Palavras-chave: fonética, glotalização, laringalização, fonação rangeada, voz áspera, Dâw

Descrição de línguas não-indo-européias

34 Lucia Passafaro Peres

lucia.peres@usp.br

Pôster

Ivã Carlos Lopes

Andamento e temporalidade em vídeos educativos de Matemática

Neste estudo, procurou-se verificar como o andamento e a temporalidade podem influenciar nos efeitos de sentido produzidos em uma enunciação. Para isso, foi feita uma análise, com base na teoria semiótica, de dois vídeos educativos sobre o teorema de Pitágoras. Um dos vídeos é o “Prova visual do teorema de Pitágoras”, de 8min52s, da organização Khan Academy; o outro é o “Pitágoras na Prática”, de 2min53s, uma produção do Instituto Ciência Hoje (ICH). Os vídeos são direcionados, a princípio, para alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, respectivamente.

Para a análise, foi utilizada sobretudo a semiótica tensiva, desenvolvida por Claude Zilberberg e Jacques Fontanille. De acordo com essa teoria, há uma primazia do sensível sobre o inteligível. Segundo Zilberberg, toda grandeza discursiva é qualificada em termos de intensidade e extensidade; a intensidade seria a dimensão do sensível, e a extensidade, do inteligível. Assim, dependendo de como certo acontecimento é apresentado ao enunciatário, aspectos sensíveis podem ser mais acionados em detrimento de aspectos mais racionais, ou vice-versa. Da mesma forma, a percepção do tempo também pode sofrer variações.

Assim, foram observados nos dois vídeos aspectos como ritmo, aceleração, desaceleração, continuidade e descontinuidade, a partir dos quais foi possível identificar uma predominância da extensidade ou da intensidade nos discursos apresentados, as quais influenciam, por sua vez, o modo como o espectador apreende o conteúdo: de forma mais racional ou mais sensível. Percebeu-se que o vídeo da Khan Academy, com poucas descontinuidades e pouco acelerado, revelando um predomínio da extensidade, tende a acionar o sujeito mais racionalmente. No segundo vídeo, do ICH, mais acelerado e com muitas descontinuidades, em que predomina a intensidade, o sujeito pode ser acionado mais sensorialmente.

Palavras-chave: Semiótica; Educação; Vídeo educativo; temporalidade

Análise dos discursos e dos textos verbais

35 Luiz Fernando Ferreira

fernando.ferreira@msn.com

Pôster

Ana Müller

O prefixo modal *jy-* em Karitiana

Storto (2002) levanta o questionamento de se o prefixo *jy-* da língua Karitiana poderia ser considerado um modo subjuntivo nessa língua. O objetivo deste trabalho é responder à essa pergunta adotando o seguinte critério: o morfema *jy-* na língua Karitiana se comporta semanticamente de maneira idêntica ou similar ao do modo subjuntivo nas línguas que possuem tal modo? Este trabalho adotou os trabalhos de Quer (2008) e Portner (2011) sobre o subjuntivo como embasamento teórico. Esses autores mostram que uma possibilidade para descrever o subjuntivo é através dos tipos de predicados que selecionam esse modo nas orações subordinadas. Esse tipo de descrição é inviável em Karitiana porque nessa língua as orações subordinadas não possuem morfologia que marque modo sentencial (Storto 2002). Como alternativa à essa descrição do subjuntivo através do predicado, Quer (2008) mostra que esse modo gramatical também pode ser descrito através do tipo de sentença condicional em que ocorre. Testar esse ambiente se mostrou favorável em Karitiana porque *jy-* ocorre em condicionais. Quer (2008) afirma que podemos identificar condicionais indicativas e subjuntivas e a diferença entre elas é que as condicionais indicativas quantificam sobre mundos próximos ao mundo atual enquanto que as subjuntivas quantificam sobre mundos distantes/diferentes do mundo atual. Como metodologia foi utilizada a elicitación de dados em contextos pré-estabelecidos. A análise dos testes mostrou que a ocorrência de *jy-* é restrita apenas às condicionais subjuntivas o que mostra que o uso desse morfema também está relacionado à sentenças que quantificam sobre mundos distantes/diferentes do mundo atual.

Portner, P. (2011). Verbal Mood. In: Semantics. pp. 1262 - 1291

Quer, J. (2008). Twists of Mood. The distribution and Interpretation of indicative and subjunctive. In: *Lingua* 119. pp. 1779 - 1787

Palavras-chave: Línguas Indígenas, Modo, Modalidade, Semântica

Descrição de línguas não-indo-européias

36 Marcela Muniz Barbosa

munizba.m@gmail.com

Pôster

Esmeralda Vailati Negrão

A concordância assimétrica e a estrutura da sentença no dialeto libanês da língua árabe

A língua árabe padrão apresenta um fenômeno conhecido como concordância assimétrica. Ele consiste na realização total ou parcial dos traços de concordância de pessoa, número e gênero no verbo, dependendo da ordem dos constituintes da sentença. Quando a ordem dos constituintes é SVO, a concordância é completa, ou seja, sujeito e verbo concordam em todos esses traços, já na ordem VSO a concordância é parcial, ou seja, tais elementos só concordam em gênero e pessoa. Assim, uma série de estudos sobre o árabe buscam atrelar as possíveis ordens dos constituintes nas sentenças aos traços de concordância que os verbos carregam. Entretanto, nos dialetos do árabe, a concordância se realiza de forma plena em ambas as ordens. Essa ausência de assimetria nos dialetos questiona o papel da concordância na determinação da ordem dos constituintes.

Com o objetivo de buscar os fatores que determinam a alternância das ordens dos constituintes, foi levantada a hipótese de que as diferentes ordens são responsáveis por expressar diferentes conteúdos informacionais. O dialeto escolhido para tal investigação foi o árabe libanês.

A pesquisa está sendo desenvolvida dentro do arcabouço teórico da Teoria Gerativa, tendo como base os trabalhos de Benmamoun (1992b) (2000), Aoun, Benmamoun e Choueiri (2010), além do trabalho de Lambrecht (1994).

Testes de gramaticalidade com um falante desse dialeto foram realizados para verificar, em primeiro lugar, se no árabe libanês as diferentes ordens não realizam a concordância como no árabe padrão. Em segundo lugar, foram apresentadas ao falante sentenças com as ordens SVO e VSO, além de sentenças já descritas na literatura como sentenças com foco marcado e de deslocamento à esquerda com retomada pelo clítico, com o objetivo de determinar os contextos associados a cada uma dessas sentenças.

Esta apresentação tem como objetivo apresentar os resultados preliminares da análise dos dados até aqui levantados.

Palavras-chave: sintaxe gerativa, estrutura da informação, língua Árabe

A linguística e sua interface com outras ciências, teóricas e aplicadas

37 Marcelo Costa Segreto

contato@marcelosegreto.com.br

Comunicação oral

Ivã Carlos Lopes

A isotopia das unidades entoativas da canção popular

Desejamos analisar o conceito de isotopia a partir do material primordial do cancionista, isto é, a relação entre a melodia e a letra, formadora das chamadas unidades entoativas. Para isso nos basearemos na noção de isotopia estudada pela semiótica geral em paralelo ao uso dos recursos teóricos desenvolvidos pela semiótica da canção. Haveria uma isotopia das unidades entoativas? Acreditamos que sim. Supomos que, na canção, uma figura de fala se torna gramaticalmente reconhecível para o ouvinte no momento em que estabelece relação com outras figuras presentes em seu entorno imediato. Assim, uma frase com tonema ascendente e outra subsequente com tonema descendente, por posicionarem-se lado a lado, também contribuem para a seleção, dentre as várias virtualidades de sentido que abrigam, de significados inter-relacionados. Sob esse ângulo, uma frase asseverativa é tanto mais assertiva quanto maior a contundência da frase interrogativa que a antecede. Para examinar essa questão escolhemos como exemplos as canções Ladeira da Preguiça (Gilberto Gil) e Cálice (Gilberto Gil/Chico Buarque). Da primeira, separamos trechos que mostram a relação entre a melodia e a letra no refrão e outros que trazem alterações no texto verbal como forma de investigar a permanência ou a transformação do sentido de suas unidades entoativas. Da segunda, separamos fragmentos que, de forma muito interessante, nos mostram a existência de uma relação entre a isotopia do conteúdo do texto verbal e os desencadeadores de isotopia ligados à forma da canção: elementos entoativos e elementos musicais do arranjo instrumental.

Palavras-chave: Semiótica; Semiótica da canção; Canção popular; Música

A linguística e sua interface com outras ciências, teóricas e aplicadas

38 Marcelo Marques Rangel

rangelmarcelo@usp.br

Pôster

Elaine Grolla

As estratégias de relativização no português brasileiro infantil

O objetivo deste estudo é verificar o comportamento de crianças adquirindo o português brasileiro (PB) com relação à produção de orações relativas. Estudos em diferentes línguas mostram que, ao apresentar condições para se eliciar relativas de objeto, há preferência pelo uso de estratégias que favorecem a produção de relativas de sujeito.

Diferentes trabalhos investigam esse fenômeno. Gennari e Macdonald (2008) observam que a compreensão de orações relativas de objeto, em inglês, pode ser facilitada ou dificultada em função da manipulação do traço de animacidade presente no elemento relativizado e no sujeito da subordinada. Uma sentença contendo um elemento relativizado [-animado] e um sujeito da subordinada [+animado] será mais facilmente compreendida do que uma sentença em que os traços de animacidade são encontrados de maneira inversa. Por sua vez, Friedmann et al. (2009) investigam a eliciação de relativas de sujeito e objeto direto em hebraico infantil. Os autores propõem que a dificuldade relacionada a dependências-A' de objeto ocorre devido a um efeito de intervenção nos moldes de Minimalidade Relativizada (Rizzi, 1990). Em outras palavras, as relativas de objeto envolvem o movimento de um elemento que cruza o sujeito da oração subordinada, que por sua vez é estruturalmente similar ao elemento relativizado. Ou seja, segundo os autores, em hebraico infantil, há uma violação de Minimalidade Relativizada.

Um dos objetivos da pesquisa é testar crianças entre 4;0 e 6;11 anos, de modo a tentar eliciar relativas de objeto direto e indireto por meio de uma tarefa de produção eliciada. Nos materiais, foram controlados os traços de animacidade do sujeito da subordinada e do elemento relativizado, nos permitindo testar relativas com diferentes configurações de animacidade, e observar se configurações com um sujeito da subordinada e um elemento relativizado com traços de animacidade iguais resultam em uma maior ou menor produção de relativas de objeto.

Palavras-chave: relativização, animacidade, estratégias de esquiva, português brasileiro infantil

Estudos dos processos de aquisição de língua

39 Marcos Rogério Martins Costa

marcosrmcosta15@gmail.com

Comunicação oral

Norma Discini de Campos

As Jornadas de Junho: reflexões sobre as práticas semióticas

Este estudo objetiva investigar discursivamente as práticas semióticas das manifestações populares ocorridas no mês de junho de 2013 na cidade de São Paulo-SP. Essas manifestações tinham inicialmente como motivo o aumento das tarifas de transporte público, mas, depois, alcançaram diferentes núcleos de interesse sociocultural, econômico e político, espalhando-se por diversas regiões do país. Para analisar esse fenômeno, partimos dos fundamentos da Semiótica da Escola de Paris (GREIMAS; COURTÉS, 2008) e de seus desdobramentos tensivos (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001). Como corpus, selecionamos os textos produzidos pela mídia impressa (os jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo) e pela mídia digital (Mídia Ninja) durante o mês de junho de 2013. O método de análise dos textos selecionados consiste em um conjunto de procedimentos de descrição do objeto semiótico, as manifestações populares. Esses procedimentos se particularizaram por considerar, em seu ponto de partida, o objeto em questão como um todo de significação. Desse modo, recupera-se, por um lado, as relações entre as partes do objeto em análise e, por outro, entre as partes e o todo que esse objeto constitui. Com a análise das relações interdiscursivas e intertextuais, contemplam-se, ainda, os sucessivos entornos em que um texto é produzido, é negociado e circula. A partir dessa análise, verificaram-se, como resultados parciais, que as práticas semióticas das duas mídias analisadas, de um lado, se distinguem axiologicamente sobre a ocorrência de cada um dos protestos (as relações entre as partes), e de outro lado, se emparelham em suas formas de apreciação diante do acontecimento das manifestações (as relações entre as partes e o todo). Isso porque, embora elas construam ora positiva, ora negativamente os protestos, ambas concordam que as Jornadas de Junho, como um todo, constituíram discursivamente uma concessão no rol das implicações da rotina política, histórica e sociocultural brasileira.

Palavras-chave: Jornadas de Junho; Semiótica; Práticas semióticas

Análise dos discursos e dos textos verbais

40 Maria Vitória Laurindo Siviero

m_vitoria34@hotmail.com

Pôster

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

A arte da performance: Uma abordagem semiótica

A arte performática é uma manifestação artística que nasceu apoiada no hibridismo, encontra-se num ponto de intersecção entre outras linguagens como a poesia, a música, o teatro e a pintura, seu nascimento foi influenciado por movimentos de vanguardas, rituais tribais, o teatro e a dança oriental. Este gênero surgiu da necessidade de reformular e experimentar com os padrões tradicionais de fazer e mostrar arte.

Há, no entanto, uma dificuldade em estabelecer uma definição precisa e consensual para uma expressão artística de caráter experimental, espontâneo e livre, o próprio gênero mantém-se em movimento em uma busca constante pela ruptura. Diante dessa problemática, questiono se é possível definir cientificamente, um ou mais traços semânticos comuns a todos os atos artísticos comumente associados à performance.

A semiótica como uma ciência capaz de decompor o discurso em seus elementos mínimos possibilita uma abordagem adequada para o estudo da performance, o qual tem se submetido a fatores externos que não dão conta do objeto propriamente. A aplicação da semiótica examina a construção do sentido dentro do próprio discurso, sendo capaz de analisar a performance em sua totalidade e desprendida de fatores externos.

Nesta apresentação, demonstrarei quais resultados já foram obtidos através da análise de diferentes performances, visando propor uma teoria geral capaz de descrever elementos comuns às diferentes obras, possibilitando assim, uma definição mais precisa do fenômeno da performance a fim de garantir sua autonomia.

Palavras-chave: Performance, Arte, Semiótica

Análise dos discursos e dos textos verbais

41 Maria de Lourdes Servilheira Valezi

ls.valezi@globo.com

Comunicação oral

Elaine Grolla

Perguntas-QU de Longa Distância em crianças com Distúrbio Específico de Linguagem

Perguntas-QU de Longa Distância em crianças com Distúrbio Específico de Linguagem

As perguntas-QU LD são raras na fala espontânea de crianças com DEL. Estudos apontam que tais crianças apresentam dificuldades em sua produção ou compreensão: Van der Lely e Battell (2003); Friedmann e Novogrodsky, (2011).

De acordo com Correa e Augusto (2011), as crianças com DEL apresentam dificuldades no processamento de sentenças interrogativas e fazem uso de estratégias de minimização do custo de processamento ao produzi-las. A minimização de custo de processamento se refere à utilização de menos conteúdo lexical para facilitar o processamento da informação.

Minha pesquisa se propôs a estudar a produção das interrogativas QU LD por crianças com DEL.

Utilizando a metodologia de produção eliciada, estudamos 26 crianças com DEL entre 5 a 11 anos. Cada criança foi convidada a produzir 16 perguntas QU-LD - 4 de extração de sujeito QU nu; 4 de extração de sujeito QU +N; 4 de extração de objeto QU nu e 4 de extração de objeto QU+N.

Nossos resultados mostram que a produção de perguntas-QU LD foi relevante (36,65%). Número inédito, pois, estudos anteriores apontam para as dificuldades das crianças com DEL acerca destas estruturas. No entanto, este número está abaixo da preferência das crianças pelas perguntas-QU simples, que foi de 39,80%, indicando que elas utilizaram estratégias de minimização de custo de processamento semelhantemente aos resultados apontados por Correa e Augusto (2011).

Interessante ressaltar o número pequeno das estruturas não adultas que nossas crianças produziram (1,21%). Tais resultados assemelham-se aos encontrados em experimentos com as crianças com desenvolvimento típico (Omori, 2009) sugerindo que a incidência de tal fenômeno incide de maneira regular nas duas populações.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; DEL; processamento

Estudos dos processos de aquisição de língua

42 Mayara Espadaro

mayespadaro@gmail.com

Pôster

Ana Paula Scher

Os lapsos de fala em português brasileiro sob a perspectiva da Morfologia Distribuída

Os lapsos de fala são enunciados que apresentam um desvio com relação ao que o falante pretendia dizer (Fromkin, 1973). Esse erro pode se manifestar em níveis linguísticos distintos, afetando segmentos fonológicos, morfemas, palavras ou sentenças. Muitos linguistas defendem que os lapsos de fala são uma importante evidência para a postulação de modelos de performance que levem em conta a realidade psicológica das unidades linguísticas e suas regras (Fromkin, 1973; Pfau 2009; Garrett, 1975; Levelt, 1989).

A partir dos lapsos de fala espontâneos do português brasileiros que afetam o nível morfológico, buscaremos explicitar as regras que controlam os lapsos na nossa língua, para, com isso, verificarmos se a aplicabilidade do sistema gramatical de Pfau (2009) mostra-se satisfatória para os dados coletados ou se precisará de revisões para tornar-se um modelo com maior abrangência. Esse sistema foi desenvolvido com base nas evidências fornecidas pelos lapsos de fala e tem como alicerces a arquitetura da gramática da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993; Marantz, 1997) e o modelo de performance em níveis (Garrett, 1975; Levelt, 1989).

Os dados serão coletados pelo método naturalístico, isto é, os lapsos serão anotados conforme ouvidos pela pesquisadora em contexto natural e espontâneo de fala. As vantagens dessa metodologia estão na observação da linguagem em uso real, a acessibilidade da coleta e possibilidade de encontrarmos um número bastante extenso de dados (Iliovitz, 2007).

Desse modo, nosso trabalho contribuirá para o aperfeiçoamento dos modelos teóricos de performance, bem como poderá trazer novos indícios sobre a realidade psicológica de unidades morfológicas no português brasileiro. Além disso, destacamos que só há três trabalhos sobre lapsos de fala em português: Iliovitz (2007), Rodrigues (2015) e Nobrega (2010). Logo, fica evidente a necessidade de contribuirmos para a expansão dos estudos sobre lapsos de fala em português.

Palavras-chave: Lapsos de fala; Morfologia Distribuída; Modelo de Performance

Estudo das palavras

43 Melanie Campilongo Angelo

melanie.angelo@usp.br

Comunicação oral

Raquel Santana Santos

O processo de alongamento em fronteiras de frases fonológicas de sentenças ambíguas e a relação com suas estruturas sintáticas

Este trabalho visa analisar a pista prosódica de duração de sílabas em contextos onde pode ou não haver reestruturação de frases fonológicas.

Magalhães & Maia (2006) observaram ambiguidades devido à presença de um atributo que pode se referir ao sujeito ou objeto da oração. Fonologicamente, tais leituras podem ser explicadas pelo fato de o atributo poder ou não se juntar a seu núcleo na construção do domínio de frase fonológica, em que, se há fronteira, um alongamento é esperado (NES-POR & VOGEL, 1996). Angelo & Santos (2015) observaram uma tendência a produzir essas sentenças alongadas quando a interpretação for não-local.

O que se propõe, então, é que o alongamento é um fenômeno existente em PB, mas é opcional. Se isto é verdade, sempre que ele for feito, a sentença deve ser interpretada como não-local. Caso contrário, haverá uma variação em respostas perceptuais ou preferência por aposição local (Princípio da Aposição Local proposto por Magalhães & Maia (2006)).

Dois testes foram realizados. No de produção, além dos 30 informantes de Angelo & Santos, mais 20 foram escolhidos e outros 10 recuperados para que lessem duas versões de 9 sentenças em histórias que guiavam a um dos significados. No de percepção, as 3 versões mais longas (de aposição não-local) e as 3 mais curtas (de aposição local) para cada sentença foram recortadas, e 30 informantes escolheram através de imagens uma das duas interpretações.

Os resultados apontaram para diferenças significativas conforme a estrutura (os falantes alongam/acertam as não-locais) e também por sentença, confirmando a hipótese de que, ainda que o alongamento seja opcional na produção, uma vez realizado, ele serve como condutor para interpretação não-local. Ainda, nota-se que 2 tipos de estruturas podem interferir no processo: Sentenças em que o atributo é formado por adjetivos verbais (fronteira de CP) e sentenças que permitem construções de small clause.

Palavras-chave: Frase fonológica

Análise dos sistemas fonético e fonológico

44 Murillo Clementino de Araujo

murillo.d.araujo@gmail.com
Comunicação oral
Ivã Carlos Lopes

Ethos e gênero nas tirinhas de Aline, de Adão Iturrusgarai

O objetivo deste trabalho é apresentar resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado *Semiótica e a fabricação da realidade*, que, a partir das formulações teóricas de Blikstein (2003), procura investigar de que maneira a concepção de realidade é moldada pelas linguagens verbais e não verbais. Restringindo o escopo para a questão da construção do gênero, esta apresentação toma como corpus de análise tirinhas da série *Aline*, do cartunista Adão Iturrusgarai (2010, 2011), com o intuito de demonstrar que, através da fala e do comportamento dos atores do enunciado, é possível traçar um ethos específico para a mulher e outro para o homem. Ao retomar a retórica aristotélica, Eggs (1999) afirma que a noção de ethos deve ser entendida em seu aspecto circunstancial e processual, como a imagem apreendida do orador no momento em que seu discurso é proferido. De modo semelhante, porém utilizando termos mais formais, Barthes (1975) define o ethos como uma conotação. Em geral, nas tirinhas analisadas, o ethos feminino é marcado pela transgressão e pela liberdade sexual, contrastando com o estereótipo da mulher submissa e romântica. Por outro lado, o ethos masculino é caracterizado pela fragilidade e pela emoção, diferindo do estereótipo do homem confiante e insensível. Assim, confirmando a ideia de uma imanência transcendente, de Discini (2009), o interdiscurso social estereotipado sobre os gêneros é recuperado pelas tirinhas justamente para ser desconstruído e ridicularizado, pois, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), o riso é uma forma de sanção. Portanto, o humor surge em *Aline* como uma maneira de desestabilizar as crenças a respeito da essência ontológica dos gêneros.

Palavras-chave: Ethos, gênero, estereótipo, história em quadrinhos, Adão Iturrusgarai

Análise dos discursos e dos textos verbais

45 Márcio Azevedo Vianna Filho

marcioviannaf@gmail.com

Comunicação oral

Marcelo Ferreira

Vagamente perfeito; perfeitamente ambíguo

O perfeito é uma categoria resultante da gramaticalização de um feixe de ingredientes tradicionalmente identificados, em maior ou menor medida, com as categorias de tempo e aspecto, e que se manifesta, via de regra, na morfologia do verbo. Em português e inglês, em especial, está associado à perífrase auxiliar (ter/have) + participio passado do verbo principal.

A apreensão teórica do significado dessa perífrase tem desafiado os teóricos literalmente há séculos; na raiz das dificuldades está a diversidade das leituras que a perífrase admite, quer intra-, quer translinguisticamente, como ilustrado pelos exemplos a seguir:

(a) John has lived in London since 2001. (b) João tem morado em São Paulo desde 2001.

(a) admite pelo menos duas leituras: (a1) John mora em Londres desde 2001 até hoje sem interrupções; (a2) No período que vai de 2001 até hoje, houve pelo uma ocasião em que John morou em Londres. (b) admite uma única leitura: (b1) No período que vai de 2001 até hoje, João morou/mora em São Paulo em ocasiões diversas, sendo que a distribuição dessas ocasiões no interior do período de 2001 até hoje está sujeita a várias restrições. Por exemplo, a ocasião não pode ser uma única, em contraste com (a2); nem as ocasiões se podem acumular todas no início do período, também em contraste com (a2). Contudo, não faz parte do significado de (b1) a obrigatoriedade de que João more em São Paulo atualmente, em contraste com (a1).

Diante de tal diversidade, o tópico central no estudo do perfeito tem sido indagar quais das distinções de significado implicadas na gama das leituras possíveis do perfeito podem ser reunidas sob uma representação semântica única (subespecificada) e quais distinções devem ser atribuídas ao âmbito da pragmática.

Palavras-chave: perfeito; tempo; aspecto; pragmática; semântica

Estudo de princípios e parâmetros linguísticos

46 Mônica Albiero Costa

monica.albiero@hotmail.com

Pôster

Ivã Carlos Lopes

Análise semiótica dos discursos de alegria presentes no quarto movimento da Nona sinfonia de Beethoven

Este trabalho propõe destacar o quarto e último movimento da Nona Sinfonia em Ré Menor, op. 125 de Ludwig van Beethoven, no qual há uma porção cantada, geralmente denominada Hino à Alegria, composta pelo músico sobre o poema "Ode à Alegria" (An die Freude), de Friedrich von Schiller. Um intervalo temporal de algumas décadas separa um e outro, datando o poema de Schiller do ano de 1785 e a sinfonia, de não antes de 1824 em sua forma acabada. Sabe-se que a composição de Beethoven conheceria um destino extraordinário, vindo a tornar-se a mais célebre de suas obras sinfônicas, incensada pelo público e pela crítica, adotada por numerosas instituições e executada em inúmeras ocasiões de solenidade e festa; no final das contas, consagrou-se no correr dos anos como uma das mais importantes composições musicais de toda a tradição ocidental. Focalizando esse grande clássico, o trabalho visa analisar os discursos de alegria textuais e melódicos presentes no quarto movimento da Nona sinfonia. Como se dispõe a tratar das faces literária e musical, o trabalho pretende utilizar o método semiótico de análise da canção criado por Luiz Tatit, de forma a averiguar em que medida o desenvolvimento musical vai ao encontro daquilo que diz Schiller em seu poema, bem como a esclarecer as consequências da associação específica desse texto verbal e dessa música na criação de um terceiro objeto, que não se pode reduzir nem a um nem a outro, e que demanda uma compreensão de seus próprios efeitos de sentido.

Palavras-chave: Semiótica, canção, Beethoven, discurso, letra, melodia, Schiller, alegria

Análise dos discursos e dos textos verbais

47 Rafael Martín Camacho Ramírez

elrafaelcamacho@gmail.com

Comunicação oral

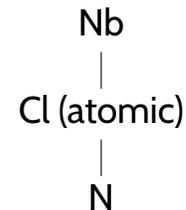
Jairo Nunes

A marca de acusatividade no espanhol como classificador

Os OD em espanhol são marcados com a preposição *a* em certos contextos: a) quando o objeto é [+animado] ((1) Juan vio *(a) María); b) quando o objeto é [+específico] ((2) El niño abrazó (a) las columnas). Baseando-me na proposta de Fassi Fehri e Vinet (2004), proponho que nas orações 1 e 2, a preposição *a* é a materialização da cópia de um Classificador (Cl).

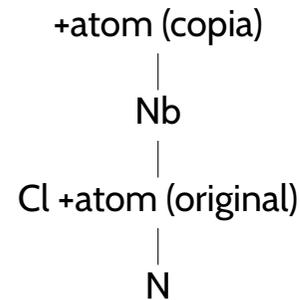
Na literatura sobre DP (Por exemplo, Chierchia 1998), tem-se postulado que línguas como o chinês apresentam Cls; mas línguas como o inglês, não. No entanto, segundo Fassi Fehri e Vinet (FFyV em diante), existiria nos DP de todas as línguas um nível para os Cl (3).

(3)



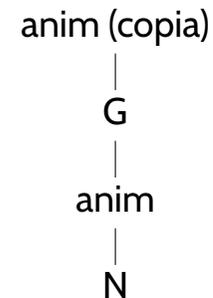
FFyV argumentam que o traço atomic forma um Indivíduo. Formar um indivíduo é separar ou isolar um elemento; por tanto, pode se dizer que o traço atomic tem a função básica de separar ou individualizar. Agora, em relação à oração 2, a proposta é que o nodo Cl que contém o traço atomic em 3 é copiado acima de Nb, gerando assim uma separação ou individualização do conjunto de elementos que implica o plural (4). A preposição *a* seria a materialização dessa cópia em 4.

(4)



Em relação ao traço anim, considero que essa a seria a materialização da cópia do traço anim que está embaixo de G(enero), de acordo com Harley (1994):

(5)



A proposta é que o traço [anim] é também um Cl que ajuda a formar um indivíduo.

Bibliografia

Chierchia, Gennaro (1998), Reference to Kinds across languages. *Natural Languages Semantics* 6.4: 339-405.

Fassi Fehri, A. 2004b. "Nominal classes, reference, and functional parameters, with particular reference to Arabic". *Linguistic Variation Yearbook* 4. Amsterdam: John Benjamins.

Harley, Heidi. 1994. Hug a tree: Deriving the morphosyntactic feature hierarchy. *Papers on phonology and morphology: MIT Working Papers in Linguistics* 21, ed. by Andrew Carnie and Heidi Harley, 289-320. Cambridge, MA: MIT Working Papers in Linguistics, Department of Linguistics, MIT.

Palavras-chave: Preposição a no espanhol, classificador, Individualizar

Estudo de princípios e parâmetros linguísticos

48 Renata Lúcia Moreira

reka@usp.br

Comunicação oral

Evani Viotti

O espaço do tempo nos textos em libras

O objetivo desta pesquisa tem sido descrever os marcadores de tempo em língua de sinais brasileira (libras) em textos narrativos sinalizados por surdos ou intérpretes fluentes, no âmbito da teoria semiótica de linha francesa. Os estudos sobre as línguas de sinais, como os de Liddell 2003, Finau 2004, Johnston & Schembri 2007, Sinte 2013, vêm apontado que não há marcas morfológicas de flexão nos verbos dessas línguas e que, por isso, há um conjunto de estratégias gramaticais e discursivas para instaurar a categoria de tempo e criar as diferentes relações temporais no interior de seus textos. Esses marcadores vêm sendo descritos como sendo itens lexicais (gestos manuais que têm função de advérbio) e outros elementos próprios da modalidade visual, expressos por gestos, como o movimento da cabeça e do tronco e, em especial, a direção do olhar do sinalizador. O meu estudo parte dessas pesquisas e toma como base para a análise o trabalho realizado por Fiorin (2002). Os dados estão sendo transcritos no software ELAN, seguindo a proposta de McCleary, Viotti & Leite (2010). Os resultados obtidos até o momento mostram que tanto a direção do olhar quanto certos movimentos do corpo não são estratégias específicas de tempo, mas podem estar relacionadas com a temporalização dos discursos em libras. Esses mecanismos discursivos estão diretamente ligados à construção da pessoa e do espaço na língua, mas também parecem indicar a ocorrência de possíveis embreagens temporais, e também alguns tipos de embreagens (por exemplo, a embreagem heterocategórica). A pesquisa tem apontado, ainda, que a direção do olhar parece ser uma forma de marcar a concomitância ou não concomitância dos eventos narrados com o momento da enunciação, e que as relações temporais são construídas e estruturadas espacialmente.

Palavras-chave: enunciação; categoria de tempo; embreagem; espaço; libras; gestos

Análise dos discursos e dos textos verbais

49 Renato Caruso Vieira

caruso_108@hotmail.com

Comunicação oral

Elaine Grolla

Aquisição de implicatura escalar no Português Brasileiro

Em seu estudo de 2004, Papafragou & Tantalou demonstraram que, diante de uma configuração experimental adequada, crianças são capazes de calcular implicatura escalar, ao contrário do que experimentos anteriores de outros autores haviam demonstrado. As autoras apresentaram aos sujeitos situações conversacionais realistas com expectativas frustradas de informatividade máxima implicadas e obtiveram respostas corretas dos sujeitos, ou seja, interpretações upper-bound de termos escalares fracos, tanto para implicaturas conversacionais generalizadas (ICG) quanto para implicaturas conversacionais particularizadas (ICP). Essas são evidências favoráveis a uma explicação de implicaturas baseada em princípios de relevância.

Meu experimento será aplicado em 50 adulto e 120 crianças (5, 7 e 9 anos) e contará com uma metodologia de Tarefa de Julgamento de Valor de Verdade: histórias serão contadas pelo pesquisador que, ao final de cada uma, fará perguntas a um fantoche. Caberá aos sujeitos julgar verdadeiras ou falsas as respostas do fantoche de acordo com as histórias ouvidas. As sentenças-teste (afirmadas pelo fantoche) principais serão aquelas contendo termos escalares fracos aos quais esperamos serem dadas interpretações lower-bound ou upper-bound dependendo do contexto apresentado. Nosso material conta com histórias/sentenças-teste classificadas em quatro condições: ICG em contextos upper-bound, ICG em contextos lower-bound, ICP em contextos upper-bound e ICP em contextos lower-bound.

Esperamos que seja mantido o padrão encontrado por Papafragou & Tantalou (2004) de correto cálculo de implicatura escalar em contextos upper-bound e que as crianças sejam capazes, também, de bloquear esse cálculo em contextos lower-bound, em resultados que reforçariam o papel crucial da relevância do contexto na aplicação ou não dos princípios pragmáticos responsáveis pela deflagração da implicatura escalar.

Assim, através de dados de aquisição de linguagem colhidos do Português Brasileiro, contribuiríamos para a sustentação de uma teoria de implicaturas baseada em relevância e não em princípios de informatividade como os pregados por autores neo-griceanos.

Palavras-chave: aquisição de linguagem
Estudos dos processos de aquisição de língua

50 Ricardo Akira Sanoki

ikaro7@gmail.com

Pôster

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

Relações entre significante e significado na linguagem do desenho linear.

Da mesma maneira que utilizamos linhas para escrever, o desenho linear se utiliza de linhas para gerar sua expressão. Essas linhas agrupadas em conjuntos são capazes de criar graficamente ilusões visuais. Segundo Wölfflin, em seu livro *Conceitos Fundamentais da História da Arte*: “Ver de forma linear significa, então, procurar o sentido e a beleza do objeto primeiramente no contorno – também as formas internas possuem seu contorno; significa, ainda que os olhos são conduzidos ao longo dos limites das formas e induzidos a tatear as margens. (...) A arte linear também lida com corpos e espaço, e precisa de luzes e sombras para obter a impressão de plasticidade. Mas a linha permanece como um limite firme, ao qual tudo se subordina ou adapta” (Wölfflin, 2000, p. 26).

Propomos nesta apresentação uma abordagem semiótica do desenho linear, analisando como esta forma artística gera o seu significado dentro de nossa sociedade, utilizando inicialmente as teorias da semiótica greimasiana, da semiótica visual proposta por Jean-Marie Floch e as teorias de linguísticas propostas por Saussure, em seu livro *Curso de Linguística Geral*. As principais contribuições de Saussure para a nossa pesquisa serão o conceito de língua como sistema, a teoria dos signos e o conceito de valor, sendo estes dois últimos ampliados com as ideias de Hjelmslev.

Palavras-chave: semiótica visual; desenho linear; artes visuais

Análise dos discursos e dos textos verbais

51 Rodrigo Lazaresko Madrid

rlmadrid@usp.br
Comunicação oral
Evani Viotti

Descrição da narração de futebol transmitida por rádio à luz da Gramática Cognitiva

O objetivo desta apresentação é descrever uma narração de uma partida de futebol transmitida por rádio pelo prisma da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987; 2001; 2008). O trecho a ser descrito corresponde aos 45 minutos finais da partida entre as equipes de Corinthians-SP e Flamengo-RJ, realizada em 2013 e transmitida pela rádio CBN com narração de Deva Pascovici. O áudio correspondente a essa transmissão foi sincronizado com o vídeo da transmissão televisiva da mesma partida, a fim de ampliar o acesso ao contexto de produção da narração. Dessa maneira, foi possível visualizar os eventos presenciados pelo narrador e observar como foram descritos para um ouvinte sem acesso direto a eles. A sincronização e a transcrição do áudio e das imagens foram feitas no software ELAN (Eudico Language Annotator) desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística para o registro linguístico. Essa transcrição seguiu a proposta elaborada pelo Laboratório Linguagem, Interação, Cognição (LLIC) da FFLCH-USP para o registro de línguas de sinais e outras semióticas visuais que se encontra sistematizada em McCleary, Viotti e Leite (2010).

Como a interação entre falante e ouvinte tem condições específicas na narração de futebol transmitida por rádio (o ouvinte não tem necessariamente acesso direto aos eventos sendo narrados, por exemplo), algumas estratégias são utilizadas pelo narrador para descrever o que presencia, como as alterações de pitch e a forma de encadear as informações (organização de elementos prospectivos e retrospectivos). Uma vez que essas estratégias parecem ser convencionalizadas, esquematizadas a partir de instâncias de uso e simbólicas (i.e. unem um polo fonológico a um polo conceitual), podem ser consideradas unidades linguísticas quando se adota uma perspectiva baseada no uso.

Palavras-chave: narração, futebol, rádio, gramática cognitiva

A linguística e sua interface com outras ciências, teóricas e aplicadas

52 Rogério Goncalves de Oliveira

roger_usp@yahoo.com.br

Comunicação oral

Felipe Venâncio Barbosa

Variação angular no movimento dos articuladores braço e antebraço na produção da LIBRAS: estudo sobre variação linguística e orientação sexual

A presente pesquisa tem como objetivo construir um corpus linguístico que forneça dados para análises de variações sociolinguísticas na língua brasileira de sinais, especificamente aquelas que operam no nível fonético-fonológico. A variável social proposta para nortear a pesquisa sociolinguística é a orientação sexual do surdo sinalizante. Os sujeitos da pesquisa estão sendo divididos em dois grupos (homens surdos gays e homens surdos heterossexuais), cujos movimentos, realizados durante a produção do sinal, são capturados por meio da utilização do Sistema Vicon – sistema óptico de captura tridimensional de movimentos. O sistema produz, entre outros dados, os ângulos formados pelos movimentos do braço e antebraço do surdo sinalizante durante a produção do sinal (considerando movimento como uma das unidades mínimas contrastivas que compõem as línguas de sinais). Os ângulos, uma vez coletados, são descritos de acordo com o modelo de descrição articulatória proposto por Barbosa, Temoteo & Rizzo (2015), com base na análise goniométrica – método utilizado para medir os ângulos articulares do corpo. A pesquisa está em fase de coleta de dados e os primeiros resultados mostram que é possível analisar isoladamente os cinco ângulos formados pelo braço e antebraço na produção do sinal – abdução horizontal do braço, abdução vertical do braço, rotação do braço, rotação do antebraço e flexão do cotovelo – conforme o modelo citado e tomando como base os recursos do sistema de captura. Com os dados do corpus, será possível comparar os ângulos e as variações dos ângulos formados na produção de sinais dos surdos gays e heterossexuais e analisar a existência de diferença linguística correlacionada à orientação sexual do surdo sinalizante.

Palavras-chave: Língua brasileira de sinais, Variação fonológica, Ângulo e variação angular, Orientação sexual

Estudo da variação, da mudança e do contato linguístico

53 Saulo Nogueira Schwartzmann

saulosns@gmail.com
Comunicação oral
Ivã Carlos Lopes

Processos implicativo e concessivo na estética impressionista

O objetivo desta comunicação, tendo em vista a metodologia da semiótica tensiva, é discutir o andamento de minha pesquisa de doutorado. Tomando como ponto de partida a figuratividade presente nas artes plásticas ao longo da história, ora sendo negada, ora retomada como central, podemos verificar uma valorização eufórica em direção à abstração. A relação dos formantes plásticos cor e linha pode desencadear uma linha "evolutiva" subsequente que nos leva a uma oscilação entre processos abstratizantes (não figurativos) entre a abstração completa dos temas plásticos, existindo baixa acentuação de valor semântico atribuído às figuras do discurso pictórico, revestidos pelos termos de categorias topológicas, cromáticas e eidéticas. Reduzindo a pintura em categorias menos polissêmicas possíveis e sem que haja uma supervalorização desse processo como "euforizante", pretendo mostrar, por exemplo, como movimentos artísticos tidos como vanguardas de continuidade, como acontece no percurso entre o Impressionismo e o Pós-Impressionismo podem ser observados, à luz da semiótica, como tendências estéticas da ordem da ruptura. Embora esse dois movimentos estéticos subsequentes pareçam estar no eixo da continuidade, com o auxílio da semiótica tensiva, mais precisamente de uma tabela de Zilberberg sobre processos implicativos e concessivos (ZILBERBERG, 2011, p. 99), pretendo demonstrar que tais processos estão no eixo de ruptura. Há no enunciador impressionista, por exemplo, uma vontade de criar efeitos de sentido de sensação de cor através da sua dissolução em cores complementares, primária e secundárias. Tomando a cor como categoria plástica dominante nessa pintura, verificaremos que os módulos de cor que na totalidade do quadro impressionista criam o efeito de sentido de profundidade, excluem a linha, o que, de fato, acontece também no pós-impressionismo: criam efeito de perspectiva aérea sem utilizar linhas para criar os planos consecutivos; no entanto, no Impressionismo o enunciador mescla cores, ao passo que, no Pós-Impressionismo, há triagem de cores em módulos.

Palavras-chave: Semiótica Tensiva, Pintura, Continuidade, Descontinuidade

A linguística e sua interface com outras ciências, teóricas e aplicadas

54 Thiago Chaves Alexandre

tchavesalexandre@gmail.com

Comunicação oral

Ana Müller

Ta'ã, um evidencial?

Ta'ã, um evidencial?

Esse trabalho tem como objetivo expor e discutir a evidencialidade e o evidencial ta'ã na língua karitiana.

A evidencialidade é o fenômeno linguístico da marcação gramatical da fonte de informação pela qual o falante soube da informação que profere. Evidenciais são morfemas, clíticos ou afixos que expressam a evidencialidade. Em (1), exemplo do Quéchua (Faller, 2002), podemos ver uma sentença em que através do evidencial *_mi*, o falante indicou que percebeu a proposição através da visão.

(1) Para-sha-n-mi
rain-PROG-3-mi
It is raining. (o falante viu)
Contexto: o falante viu que estava chovendo, e então proferiu a sentença.

O karitiana é uma língua Tupi, da família Arikém, falada em Porto Velho, Rondônia. Temos na língua um sistema que conta com dois evidenciais, ta'ã e saryt (Storto, 2002). Saryt expressaria evidência indireta reportada e ta'ã expressaria evidência direta visual (2):

(2) Taso	na-oky	ta'ã-t / saryt-∅	ombaky
homem	decl.-matar	ev.dir.-nfut. / ev.ind.-nfut	onça
O homem matou a onça (eu vi 1 / disseram 2).			
Contexto 1: O falante pode proferir a sentença 1, utilizando <i>ta'ã</i> , quando ele viu o evento relatado (ele viu que o homem matou a onça).			
Contexto 2: O falante pode proferir a sentença 2, utilizando <i>saryt</i> , quando ele não viu o evento relatado, mas teve acesso a ela através de outras pessoas (alguma pessoa viu e o contou, alguma pessoa ouviu de outras pessoas e o contou ou é uma lenda).			

A literatura diz que para ser considerado um evidencial, um morfema tem que ter a fonte de informação como seu significado principal, (Anderson, 1986) e (Aikhenvald, 2002).

Tendo em vista essas definições, temos na língua sentenças como (3), em que o taã não é usado como evidencial (já que o falante não pode ter visto um fato folclórico supostamente ocorrido antes dos homens terem sido criados).

(3) Pɣy-’a	ta’a-n	saryt-y-n	Ora.
assert-fazer	ev.dir.-nfut	ev.ind.-v-nfut.	Ora
Ora fazia assim (disseram).			
Contexto: Essa sentença é o início de uma narrativa. Ora é um deus na cosmologia da etnia.			

Na língua, sentenças marcadas com o tempo não futuro podem ter interpretação de passado ou presente (4).

(4) Taso	naka-m-’a-t	gooj.
homem	decl.-caus.-fazer-nfut.	canoa
O homem fez/faz a canoa.		

Quando usamos saryt (5) essas interpretações se mantêm, mas quando usamos taã somente a interpretação de passado permanece (6).

(5) Taso	naka-m-’a-t	saryt-∅	gooj.
homem	decl.-caus.-fazer-nfut.	ev.ind.-nfut.	canoa
O homem fez/faz a canoa. (disseram)			
Contexto 1: X passou na casa de um homem e viu que ele estava fazendo uma canoa. Em outro momento, X pode falar para Y e ele pode proferir a sentença em (5).			
Contexto 2: X passou na casa de um homem e viu que ele está fazendo uma canoa. Se X contar essa situação para Y (que não viu o que o homem está fazendo), ele pode falar (5).			

(6) Taso	naka-m-’a-t	ta’ã-t	gooj.
homem	decl.-caus.-fazer-nfut.	ev.dir.-nfut.	canoa
O homem fez a canoa. (eu vi)			
Contexto: O falante passou na casa de um homem e viu que ele estava fazendo uma canoa. Algum tempo depois, ele pode falar algo como (6).			

Há outros contextos em que mesmo o falante não podendo ter acesso à evidência visual, o taã pode ser utilizado (7).

(7) Pedro	na-oky	ta'ã-t	pikom
Pedro	decl.-matar	ev.dir.-nfut	macaco
Pedro matou o macaco.			
Contexto: O falante é cego. Ele estava na mata com Pedro e ouviu quando ele matou um macaco. Em outro momento, ele pode falar (7).			

Com base no que foi apresentado para taã, chegamos à conclusão de que talvez o seu sentido principal não seja evidencial (já que há contextos onde ele é usado e o falante não teve acesso à evidência visual) e sim tempo-aspectual (já que em todos os contextos onde ele aparece, a relação temporal está presente, mesmo em contextos evidenciais).

Palavras-chave: evidenciais, evidencialidade, línguas indígenas

Estudo de princípios e parâmetros linguísticos

55 Thiago Moreira Corrêa

thiago.moreira.correa@gmail.com

Comunicação oral

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

Formação das imagens nas inscrições urbanas: suporte

Ao propor uma síntese da história das inscrições urbanas, o suporte aparece como elemento pertinente de análise. Entendidas como fenômeno do século XX, as inscrições urbanas são abordadas sob o ponto de vista da enunciação, isso quer dizer, as escolhas de suporte são guiadas por regimes tensivos de implicação e concessão. Dessa forma, em cada período, um grupo social, considerado como enunciador, adota estratégias de abordagem do suporte, que irá repercutir nas características do aporte, ou seja, da inscrição.

Pela teoria tensiva de Zilberberg (2012), é possível compreender a história das inscrições urbanas sob essas concessões e implicações realizadas pelo enunciador que, por meio de suas escolhas, produzirá em determinados momentos novas modalidades de inscrição urbana.

Esse recurso, implicativo e concessivo, já tem antecedentes na história da arte, como aponta Wölfflin (1992), no entanto, a exploração do suporte não é um tema tão abordado pela história da arte, visto que durante muito tempo, essa teoria debruçava-se sobre as poucas variações desse meio na pintura acadêmica. Vale ressaltar que essa apresentação trata de uma análise da “pintura” nas inscrições urbanas, evidentemente, esse ponto de vista não pode ser aplicado a todas as formas de produção artística. Portanto, busca-se as relações implicativas e concessivas das escolhas de suporte feitas pelo enunciador que formarão um ponto de vista pertinente para contar a história das inscrições urbanas e ao mesmo tempo inserir um elemento que se mostra pertinente para o estudo da semiótica visual, até então deixado de lado: o suporte.

Palavras-chave: Semiótica; artes; pintura

Análise dos discursos e dos textos verbais

56 Vitor Augusto Nóbrega

vitor.augusto.nobrega@gmail.com

Comunicação oral

Ana Paula Scher

Subespecificação e a emergência do vocabulário humano na evolução

Para se compreender a emergência do extenso vocabulário humano na evolução, é imprescindível determinar a natureza biológica das raízes. Partindo da Tese Minimalista Forte (CHOMSKY, 2001), sintetizada pela equação Linguagem = Recursividade + Interfaces, defendemos que as raízes da linguagem humana correspondem a uma interface com um sistema de conceptualização externo à Faculdade da Linguagem (FL) – um sistema lexical –, compartilhado com primatas não-humanos (contra BOECKX 2009; OTT, 2009). A natureza subespecificada dessas entidades linguísticas abriu caminho para uma ampla atomização de conceitos e pensamentos em primitivos concatenáveis, que, atrelada à polissemia e à não-composicionalidade, culminaram em uma explosão vocabular na espécie humana.

Argumentamos, paralelamente, que o sistema lexical de primatas não-humanos apresenta unidades referenciais plenamente especificadas, ou seja, toda vocalização anti-predatória (e.g., vocalizações relacionadas a predadores como “águia”, “leopardo”, “cobra”) estabelece uma correspondência co-extensiva com sua denotação, fato que impede que uma dada vocalização denote mais de uma entidade ou evento no mundo. Consequentemente, toda vocalização de alarme deve ser analisada como um gesto vocal independente. Isso bloqueia a ampliação do vocabulário de primatas não-humanos, uma vez que, além de sua natureza geneticamente determinada, nenhum outro referente pode ser associado às vocalizações existentes.

Em termos formais, a ampliação do vocabulário humano processa-se do seguinte modo. A Gramática Universal fornece ao indivíduo uma única raiz, a raiz zero ($\sqrt{0}$), ou seja, a interface com o sistema lexical. Essa raiz zero será arbitrariamente associada a um determinado conceito, dando origem a uma raiz lexical um ($\sqrt{1}$). A FL gera cópias dessa raiz inicial toda vez que um novo conceito é transformado em uma entidade linguística, promovendo, desse modo, a ampliação do vocabulário humano. A associação a um conceito não torna a raiz plenamente especificada. Toda raiz mantém-se subespecificada, permitindo que ela se torne, eventualmente, polissêmica em um dado ambiente sintático, o que expande, consequentemente, a associação de uma única raiz a mais de um conceito.

Palavras-chave: Raízes; Vocalizações de alarme; Vocabulário humano; Biolinguística

Estudo de princípios e parâmetros linguísticos

57 Viviane Santos da Silva

viviane.sds90@gmail.com

Comunicação oral

Marcos Lopes

Desambiguação automática de substantivos em corpora do português brasileiro

Diversos métodos de desambiguação automática baseiam-se na utilização de dicionários lexicográficos e analógicos (thesaurus) para o acesso às acepções de termos polissêmicos. O algoritmo de Lesk (Lesk, 1986) foi uma das propostas pioneiras nesse sentido e, recentemente, foi implementado para o português (Nóbrega, 2012). Neste trabalho, apresentamos uma variação desse método.

Considerando-se um determinado termo-alvo w , pressupomos que termos co-ocorrentes a w podem ser indicadores do sentido que w assume em uma determinada sentença (Mel'čuk, 1998; Firth, 1957). Avaliamos, então, intersecções entre os termos de sentenças de w e termos de cada acepção de w na versão on-line do dicionário Michaelis. As acepções selecionadas como candidatas mais prováveis para cada ocorrência de w foram aquelas com as maiores intersecções. Para destacar os termos mais distintivos das acepções, atribuímos pesos a eles por meio do cálculo de frequências de documentos (Jurafsky e Martin, 2000). Por não termos corpus anotado semanticamente, a avaliação dos resultados foi feita através da desambiguação de pseudo-palavras (Gale et al., 1992) formadas pela junção de dois dos substantivos submetidos à desambiguação.

Os resultados obtidos mostraram-se pouco mais produtivos do que os que atingimos com o método baseline, em que atribuímos a todas as ocorrências de w sua primeira acepção, de acordo com a ordem listada no dicionário. O baseline manteve taxa de acerto geral em torno de 50%. Algumas críticas que podem ser feitas ao algoritmo referem-se à própria noção de polissemia na qual ele se apoia, além da questão do cálculo das intersecções de termos supor que as definições de dicionário trariam termos informativos para a desambiguação automática (Banerjee e Pedersen, 2002). Apesar de a dimensão do corpus que utilizamos ser uma limitação em potencial, frequentemente lidamos com desambiguações dependentes de termos pouco distintivos. Discutiremos brevemente opções que podem ser exploradas para contornar essas limitações.

Palavras-chave: polissemia, substantivos, desambiguação automática, algoritmo de Lesk

Linguística computacional

58 Wellington Santos da Silva

wellington.santos.silva@usp.br

Comunicação oral

Olga Ferreira Coelho Sansone

Linguística Histórica Brasileira: considerações sobre as suas discontinuidades

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns resultados de nossa pesquisa de mestrado, na qual realizamos um estudo historiográfico das continuidades e discontinuidades no tratamento da variação e da mudança no português brasileiro (PB), tendo como base alguns estudos de Linguística Histórica, produzidos durante dois subperíodos do século XX. Nossos objetos de análise foram três investigações histórico-diacrônicas, realizadas por dois líderes intelectuais e organizacionais do referido campo de estudos no Brasil, a saber: SILVA NETO (1950) e TARALLO (1986, 1991). Ora, conforme atestam várias pesquisas, as investigações sobre a natureza do PB sempre foram o principal fio condutor das pesquisas linguísticas nacionais, sobretudo no que se refere à Linguística Histórica (ALTMAN, 2004; MATTOS E SILVA, 1988). Deste modo, inicialmente, acreditávamos ser possível definir os estudos histórico-diacrônicos brasileiros como uma espécie de tradição de pesquisa (ALONSO, 2012), caracterizada pela continuidade temática. Contudo, a pesquisa realizada com base nas capas do conhecimento linguístico (SWIGGERS, 2004), mostrou-nos que, ao longo do século XX, a história do PB foi contada no interior de pelo menos três Programas de Investigação distintos, o que, numa perspectiva subjacente, poderia ser traduzido na seguinte formulação: nos dois subperíodos considerados, a Linguística Histórica brasileira tem objetos observacionais e objetos teóricos diferentes (DASCAL & BORGES NETO, 1991). Sendo assim, entendemos que o próprio conceito científico (FLECK, 2010) de português brasileiro é modificado por cada perspectiva teórica particular, uma vez que, em cada momento da história, ele teria sido aventado com vistas a concretizar diferentes objetivos: se em SILVA NETO (1950) a expressão português do Brasil designa uma língua que, assim como em outros planos da cultura, indica a continuidade portuguesa no Brasil, em TARALLO (1986, 1991), atestar o PB como uma língua distinta significa ratificar a Teoria da Regência e Ligação, formulada no interior Gramática Gerativa.

Palavras-chave: Linguística Histórica; objeto teórico; objeto observacional

História do conhecimento da linguagem e das línguas, historiografia e documentação linguísticas

ÍNDICE

1	Aline de Lima Benevides	18
2	Amanda de Lima Santana	19
3	Andressa Toni	20
4	Antônia Fernanda de Souza Nogueira	21
5	Arthur Pereira Santana	22
6	Beatriz Domingues Corá Fuser	23
7	Bruno Ferrari Guide	24
8	Camilla de Rezende	25
9	Carina Silva Fragozo	26
10	Cecilia Farias de Souza	27
11	Clariana Lara Vieira	28
12	Cleide Lima da Silva	29

13	Cássio Augusto Alves de Andrade Santos	30
14	Daniel Carmona Leite	31
15	Dany Thomaz Gonçalves	32
16	Danyllo Ferreira Leite Basso	33
17	Dario de Araujo Cardoso	34
18	Edgard Santana Bikelis	35
19	Eliane Domaneschi Pereira	36
20	Fernanda Rosa da Silva	37
21	Gisele Tomaz do Carmo	38
22	Guilherme Weffort Rodolfo	39
23	Henrique Martins de Moraes	40
24	Ivan Pasta Zanni	41
25	Julia Lourenço Costa	42
26	Juliana Ángel Osorno	43

27 Júlia Sales Paez Fernandez	44
28 Kamunjin Tanguete (Valéria Nalin)	45
29 Karin Camolese Vivanco	46
30 Karina Gonçalves de Souza de Oliveira	47
31 Klauber Renan Dutra de Oliveira	48
32 Larissa Grasiela Mendes Soriano	49
33 Lucas Cavallini Barboza	50
34 Lucia Passafaro Peres	51
35 Luiz Fernando Ferreira	52
36 Marcela Muniz Barbosa	53
37 Marcelo Costa Segreto	54
38 Marcelo Marques Rangel	55
39 Marcos Rogério Martins Costa	56
40 Maria Vitória Laurindo Siviero	57

41	Maria de Lourdes Servilheira Valezi	58
42	Mayara Espadaro	59
43	Melanie Campilongo Angelo	60
44	Murillo Clementino de Araujo	61
45	Márcio Azevedo Vianna Filho	62
46	Mônica Albiero Costa	63
47	Rafael Martín Camacho Ramírez	64
48	Renata Lúcia Moreira	67
49	Renato Caruso Vieira	68
50	Ricardo Akira Sanoki	69
51	Rodrigo Lazaresko Madrid	70
52	Rogério Goncalves de Oliveira	71
53	Saulo Nogueira Schwartzmann	72
54	Thiago Chaves Alexandre	73

55	Thiago Moreira Corrêa	76
56	Vitor Augusto Nóbrega	77
57	Viviane Santos da Silva	79
58	Wellington Santos da Silva	80